

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

**Campus Governador Valadares**

Elieverton Alves Pimenta

**A influência da gestão do capital de giro no fluxo de caixa empresarial:  
impactos na liquidez e sustentabilidade financeira**

Governador Valadares

2026

Elievertton Alves Pimenta

**A influência da gestão do capital de giro no fluxo de caixa empresarial:  
impactos na liquidez e sustentabilidade financeira**

**Monografia apresentada ao curso de administração do Departamento de Administração do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas/Governador Valadares da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.**

**Orientadora: Profa. Dra. Kascilene Gonçalves Machado**

Governador Valadares

2026

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me concedido força, sabedoria e perseverança durante toda essa trajetória acadêmica.

Aos meus familiares, pelo apoio, incentivo e compreensão nos momentos mais difíceis, sendo fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos meus professores, em especial minha orientadora, Profa. Dra. Kascilene Gonçalves Machado, pela paciência, dedicação e pelos conhecimentos compartilhados ao longo do desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos e colegas, pelo companheirismo, apoio e troca de experiências durante a graduação.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho e para minha formação acadêmica e profissional.

## RESUMO

O capital de giro representa um dos principais elementos da gestão financeira empresarial, estando diretamente relacionada à capacidade de pagamento, manutenção das operações e sustentabilidade financeira das organizações. No setor da construção civil, a administração eficiente dos recursos de curto prazo torna-se ainda mais relevante diante da necessidade constante de geração de caixa e financiamento das operações. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo analisar a gestão do capital de giro e seus impactos sobre o fluxo de caixa da MRV Engenharia no período de 2021 a 2025, verificando os reflexos na liquidez, eficiência operacional e sustentabilidade financeira da empresa. Quanto à metodologia, a pesquisa caracteriza-se como descritiva, com abordagem quantitativa e procedimento técnico de estudo de caso. Os dados utilizados foram obtidos por meio das demonstrações contábeis e relatórios financeiros divulgados publicamente pela empresa no website da B3 (Brasil, Bolsa, Balcão). A partir dessas informações, foram calculados e analisados indicadores relacionados ao capital de giro, liquidez, ciclo de conversão de caixa e fluxo de caixa. Pode-se ressaltar que, embora a MRV Engenharia apresente sinais recentes de recuperação operacional, ainda enfrenta desafios relacionados à gestão do capital de giro, geração de caixa e equilíbrio financeiro. Dessa forma, destaca-se a importância da administração eficiente dos recursos de curto prazo para fortalecimento da liquidez e sustentabilidade financeira das empresas do setor da construção civil.

Palavras-chave: Capital de giro; Fluxo de caixa; Liquidez; Ciclo de conversão de caixa.

## ABSTRACT

Working capital represents one of the main elements of corporate financial management, being directly related to the company's payment capacity, maintenance of operations, and financial sustainability. In the construction industry, the efficient management of short-term resources becomes even more relevant due to the constant need for cash generation and operational financing. In this context, the present study aimed to analyze working capital management and its impacts on the cash flow of MRV Engenharia from 2021 to 2025, verifying its effects on liquidity, operational efficiency, and the company's financial sustainability. Regarding the methodology, the research is characterized as descriptive, with a quantitative approach and a case study as its technical procedure. The data used were obtained from the financial statements and reports publicly disclosed by the company on the website of B3 (Brasil, Bolsa, Balcão). Based on this information, indicators related to working capital, liquidity, cash conversion cycle, and cash flow were calculated and analyzed. It can be emphasized that, although MRV Engenharia has shown recent signs of operational recovery, the company still faces challenges related to working capital management, cash generation, and financial balance. Therefore, the importance of efficient short-term resource management is highlighted as a means of strengthening liquidity and ensuring the financial sustainability of companies in the construction sector.

**Keywords:** Working capital; Cash flow; Liquidity; Cash conversion cycle.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Valores absolutos do capital de giro.....	37
Gráfico 2 – Valores relativos do CG em relação ao ativo circulante .....	39
Gráfico 3 – Variação anual dos componentes do CG .....	40
Gráfico 4 – Ciclo de conversão de caixa.....	44
Gráfico 5 – Giro de caixa .....	45
Gráfico 6 – Caixa líquido das atividades.....	46
Gráfico 7 – saldo final de caixa.....	48

## LISTA DE FIGURAS E QUADRO

Figura 1 – O fluxo do ativo circulante.....	18
Quadro 1 – Balanço patrimonial .....	13
Quadro 2 – Demonstração do fluxo de caixa.....	19
Quadro 3 – Regras para controle de custos .....	23

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ativo total e Capital de Giro da empresa MRV.....	35
Tabela 2 – Variáveis para cálculo do ciclo de conversão de caixa (CCC) .....	35
Tabela 3 – Fluxo de caixa.....	36
Tabela 4 – Variáveis para cálculo dos indicadores de liquidez eficiência operacional e endividamento.....	36
Tabela 5 – Índice de investimento do capital de giro .....	41
Tabela 6 – indicadores do ciclo de conversão de caixa.....	42
Tabela 7 - Liquidez .....	48
Tabela 8 – índices de eficiência operacional .....	49
Tabela 9 – Índices de risco financeiro e solvência.....	50

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
1.1	OBJETIVO	12
1.1.1	<i>Objetivos específicos</i>	12
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>13</b>
2.1	CAPITAL DE GIRO	13
2.1.1	<i>Caixa e fluxos de caixa</i>	17
2.1.2	<i>Estoques</i>	21
2.1.3	<i>Contas a receber</i>	22
2.1.4	<i>Contas a pagar</i>	23
2.2	INDICADORES FINANCEIROS	25
2.2.1	<i>Indicadores de liquidez</i>	25
2.2.2	<i>Indicadores de eficiência operacional</i>	28
2.2.3	<i>Indicadores de risco financeiro e solvência</i>	29
2.3	ESTUDOS SOBRE CAPITAL DE GIRO E IMPACTO NO FLUXO DE CAIXA	30
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>32</b>
3.1	ESTUDO DE CASO	32
3.2	COLETA DE DADOS	34
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>37</b>
4.1	ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO	37
4.2	ANÁLISE DO CICLO DE CONVERSÃO DE CAIXA (CCC)	42
4.3	ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA	46
4.4	ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS	48
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O capital de giro e o fluxo de caixa constituem pilares essenciais da análise financeira empresarial. Apesar de estarem interligados, tratam-se de conceitos distintos e cada um exerce uma função específica dentro do controle financeiro das organizações. O capital de giro reflete a capacidade da empresa de sustentar suas operações no curto prazo, enquanto o fluxo de caixa permite acompanhar as movimentações de entradas e saídas de recursos (Oliveira Filho, 2020).

Quando gerido de forma adequada, o capital de giro permite que as empresas mantenham suas operações funcionando no cotidiano e, ao mesmo tempo, possibilita o crescimento. No entanto, a má gestão do capital de giro pode acarretar uma série de problemas financeiros que comprometem a funcionalidade dos negócios.

A gestão inadequada dos recursos pode comprometer o controle do fluxo de caixa, dificultando o cumprimento de obrigações de curto prazo e colocando em risco a continuidade do negócio. Isso acontece quando o gerenciamento do capital de giro não é analisado corretamente ou quando há um desequilíbrio entre as entradas e saídas de dinheiro. A ineficiência na administração dos recursos financeiros pode resultar em saldo negativo de caixa e, conseqüentemente, dificuldades para honrar compromissos com fornecedores, funcionários, credores e outras despesas correntes (Batista *et al.*, 2025). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cerca de 60% das empresas encerram suas atividades nos primeiros cinco anos de operação, em grande parte pela ausência de planejamento e controle financeiro adequado (Viana, 2022).

De acordo com dados divulgados pelo Serasa Experian, o número de empresas inadimplentes no Brasil atingiu níveis recordes em 2025, alcançando aproximadamente 8,1 milhões de CNPJs negativados. Esse aumento expressivo, em comparação aos 6,9 milhões registrados no mesmo período do ano anterior, evidencia o agravamento das dificuldades financeiras enfrentadas pelas organizações, reforçando a importância de uma gestão eficiente do capital de giro e do fluxo de caixa para a manutenção da liquidez e continuidade operacional (Oliveira, 2025).

Nos últimos anos, o setor da construção civil passou a enfrentar um cenário econômico mais desafiador, marcado por elevadas taxas de juros, aumento dos

custos de produção e maior restrição ao crédito imobiliário. Segundo a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC, 2025), os juros elevados representam o principal entrave para o setor, pois aumentam o custo dos financiamentos, reduzem o ritmo das vendas de imóveis e dificultam novos investimentos. Nesse contexto, a gestão eficiente do capital de giro torna-se ainda mais relevante, uma vez que contribui para a manutenção da liquidez, da capacidade de pagamento e da continuidade operacional das empresas.

Pesquisa realizada por Lima, Bastos e Oliveira (2024), com empresas brasileiras de capital aberto, demonstrou que a administração eficiente da necessidade de capital de giro exerce influência positiva sobre a rentabilidade das organizações, destacando que sua gestão deve ser analisada em conjunto com outros fatores financeiros, como EBIT ou EBITDA.

Diante disso, a presente pesquisa apresenta a seguinte questão: Como a gestão do capital de giro impacta a liquidez e sustentabilidade financeira em uma empresa de construção no período de 2021 a 2025?

A partir desse problema de pesquisa, tem-se como objetivo geral analisar a gestão do capital de giro e seu impacto sobre o fluxo de caixa, verificando a influência na liquidez e na sustentabilidade financeira das organizações.

. Para atingir o objetivo proposto, pretende-se analisar os principais conceitos e práticas de gestão do capital de giro, verificando como a administração eficiente dos recursos como, caixa, contas a receber, estoques e contas a pagar podem aperfeiçoar o fluxo de caixa, melhorar a rentabilidade e assegurar a solvência da empresa.

O estudo do capital de giro e do fluxo de caixa é relevante, pois ambos os elementos constituem fatores determinantes para a eficiência da administração financeira. Assim, a escolha do tema se justifica por evidenciar a importância, tanto prática quanto acadêmica, pois, a administração da empresa e a sustentabilidade do negócio dependem da eficiência do capital de giro e do fluxo de caixa.

O desenvolvimento do trabalho está estruturado em cinco capítulos, iniciando a partir desta introdução, que apresenta a contextualização do tema, o objetivo geral e específicos, além da relevância e justificativa sobre o assunto a ser pesquisado. O segundo capítulo aborda o referencial teórico, com autores renomados na administração financeira do capital de giro, cujo objetivo foi demonstrar os principais conceitos de fluxo de caixa, capital de giro, liquidez e seus impactos nas

organizações. O terceiro capítulo traz a metodologia utilizada na pesquisa. O quarto capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados obtidos no decorrer da pesquisa. Por último, o quinto capítulo expõe as considerações finais, destacando as contribuições, limitações e sugestões recomendadas.

## 1.1 OBJETIVO

Analisar a gestão do capital de giro e seu impacto sobre o fluxo de caixa, verificando a influência na liquidez e na sustentabilidade financeira da MRV Engenharia e Participações S.A.

### 1.1.1 Objetivos específicos

- 1 Identificar os principais componentes do capital de giro e investimentos em capital de giro.
- 2 Avaliar o ciclo de conversão caixa, identificando o tempo médio de estocagem, recebimento e pagamento.
- 3 Examinar os relatórios de fluxo de caixa para identificar períodos de déficit ou superávit e sua relação com a gestão do capital de giro.
- 4 Analisar os indicadores financeiros (índice de liquidez corrente, capital de giro líquido, margem EBITDA, nível de endividamento de curto prazo e índice de cobertura de juros), para compreender os reflexos da gestão do capital de giro na liquidez e sustentabilidade financeira.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CAPITAL DE GIRO

O capital de giro, apresentado no balanço patrimonial (Quadro 1), constitui um dos principais elementos da saúde financeira de uma empresa, pois está diretamente relacionado à sua capacidade de manter a liquidez e sustentar suas operações no curto prazo. Nesse sentido, Assaf Neto; Lima (2016, p. 292) conceitua:

“O capital de giro corresponde aos ativos circulantes mantidos por uma empresa. Em sentido amplo, o capital de giro representa o valor total dos recursos demandados pela empresa para financiar seu ciclo operacional, o qual engloba as necessidades circulantes identificadas desde a aquisição de matérias-primas até a venda e o recebimento dos produtos elaborados.”

**Quadro 1 – Balanço patrimonial**

<b>ATIVO</b>	<b>PASSIVO E PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>
<b>ATIVO CIRCULANTE</b>	<b>PASSIVO TOTAL</b>
<b>DISPONÍVEL</b>	Fornecedores
Caixa e Bancos	Empréstimos e Financiamentos
Títulos de Negociação Imediata	Impostos, Taxas e Contribuições
APLICAÇÃO FINANCEIRAS (CDB, Letras de câmbio, Debêntures e etc)	Salários a pagar
<b>REALIZÁVEL A CURTO PRAZO</b>	Dividendos a pagar
Valores a Receber	Provisões
(-) Provisão para Devedores Duvidosos	Outros Passivos de Curto Prazo
(-) Títulos Descontados	<b>PASSIVO NÃO CIRCULANTE</b>
Outros Valores a Curto Prazo a Receber	<b>PASSIVO EXIGÍVEL A LONGO PRAZO</b>
<b>ESTOQUES</b>	Empréstimo e Financiamento
Matérias-primas e Embalagens	Outros Passivos a Longo Prazo
Produtos em Elaboração	<b>PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>
Produtos Acabados/Mercadorias	Capital Social Realizado
Materiais Diversos ( consumo e Almojarifado)	Reservas de Capital
<b>DESPESAS ANTECIPADAS</b>	Reservas de Lucros
Despesas Apropriáveis a custo no Exercício Seguinte	Ajustes de Avaliação Patrimonial
<b>ATIVO NÃO CIRCULANTE</b>	Prejuízos Acumulados
<b>REALIZÁVEL A LONGO PRAZO</b>	Ações em Tesouraria
Créditos Diversos	
<b>INVESTIMENTO</b>	
Participações Acionistas	
Outros Investimentos	
<b>IMOBILIZADO</b>	
Veículos, Mobiliário e etc	
<b>INTANGÍVEL</b>	
Marcas e Patentes	
Fundo de Comércio	

Adaptado de Assaf Neto (2023).

Segundo Vale (2018), a administração do capital de giro envolve a gestão das contas do ativo e do passivo circulante, e a falta de controle sobre os passivos pode gerar sérios problemas financeiros. Entre os fatores apontados como críticos para a liquidez da empresa estão à imobilização excessiva de recursos, níveis elevados de estoques, longos períodos até a venda e ineficiências no sistema de cobrança.

A gestão do capital de giro impacta diretamente o fluxo de caixa operacional das empresas, especialmente em função dos prazos médios de recebimento de clientes, de rotação de estoques e de pagamento a fornecedores. Os prazos de recebimento e de estocagem mais longos reduzem a geração de caixa, enquanto prazos maiores de pagamento a fornecedores tendem a ampliar o fluxo de caixa operacional (Reis *et al.*, 2025).

O ciclo operacional (CO) de uma empresa corresponde ao período que engloba todas as etapas das suas atividades, iniciando-se com a aquisição das matérias-primas e estendendo-se até o recebimento dos valores provenientes das vendas realizadas (Almeida e Bastos, 2025).

Nesse contexto, quanto menor for esse período, menor tende a ser a necessidade de utilização de capital de giro, contribuindo para uma posição de caixa mais favorável, o que possibilita à empresa maior capacidade de cumprir suas obrigações, antecipar pagamentos e realizar aplicações financeiras de curto prazo (Pinto *et al.*, 2025). O Ciclo operacional pode ser calculado pela seguinte fórmula (1):

$$CO = PME + PMC \quad (1)$$

Para ilustrar, considere duas empresas hipotéticas:

Empresa A:

- Prazo médio de estoque: 30 dias
- Prazo médio de recebimento: 30 dias
- Ciclo Operacional = 60 dias

Empresa B:

- Prazo médio de estoque: 50 dias
- Prazo médio de recebimento: 40 dias

- Ciclo Operacional = 90 dias

Nesse caso, a empresa A apresenta um ciclo operacional menor, o que indica maior eficiência na gestão de seus recursos, pois consegue transformar suas operações em caixa em menos tempo. Já a Empresa B possui um ciclo mais longo, o que pode indicar maior volume de recursos imobilizados nas operações, exigindo maior necessidade de financiamento para manter suas atividades.

O ciclo financeiro (CF) ou ciclo de conversão de caixa (CCC) corresponde ao intervalo compreendido entre o momento em que a empresa efetua o pagamento aos seus fornecedores e o instante em que recebe os valores decorrentes de suas vendas (Pandini, 2017). Pode ser determinado pela expressão (2).

$$CF = PME + PMC - PMPF \quad (2)$$

A redução do ciclo financeiro contribui para a diminuição da necessidade de capital de giro, uma vez que encurta o período entre os desembolsos e os recebimentos, melhorando a liquidez e a eficiência financeira da empresa (Assaf Neto, 2023).

Para ilustrar, considere duas empresas hipotéticas:

Empresa A:

- Prazo médio de estoque: 30 dias
- Prazo médio de recebimento: 30 dias
- Ciclo Operacional = 60 dias
- Prazo médio de pagamento = 30 dias
- Ciclo Financeiro = 30 dias

Empresa B:

- Prazo médio de estoque: 50 dias
- Prazo médio de recebimento: 40 dias
- Ciclo Operacional = 90 dias
- Prazo médio de pagamento = 10 dias
- Ciclo Financeiro = 80 dias

Ao comparar as duas empresas observa-se que a Empresa A apresenta tanto o ciclo operacional quanto o ciclo financeiro menores. Isso indica maior eficiência na gestão das operações e do capital de giro, uma vez que o tempo entre a compra, venda e recebimento é reduzido, além de haver um prazo mais equilibrado para pagamento aos fornecedores.

Por outro lado, a Empresa B possui um ciclo operacional mais longo, o que significa que seus recursos permanecem mais tempo aplicados em estoques e contas a receber. Além disso, seu ciclo financeiro é ainda mais elevado, pois, além de operar com prazos maiores, a empresa paga seus fornecedores em um período menor, aumentando a necessidade de capital de giro.

Dessa forma, a Empresa A apresenta uma situação financeira mais favorável, pois consegue transformar suas operações em caixa em menor tempo e ainda conta com um prazo maior para pagamento de fornecedores. Já a Empresa B enfrenta maior pressão sobre o caixa, podendo necessitar de financiamento externo para manter suas atividades.

Segundo Ross et al. (2022), empresas com ciclos financeiros mais longos necessitam de maior volume de recursos para financiar suas operações, uma vez que os investimentos permanecem aplicados por mais tempo antes de serem convertidos em caixa. Quando o capital de giro próprio é insuficiente para suprir essa necessidade, torna-se necessário recorrer a fontes externas de financiamento, especialmente de curto prazo.

Outro ponto relevante sobre o capital de giro é sua volatilidade, uma vez que os elementos que o compõem estão em constante transformação ao longo do ciclo operacional da empresa. Assaf Neto (2020, p. 397) destaca:

A finalidade de sua interpretação está voltada à melhor compreensão do fluxo do ativo circulante, pois, em qualquer momento posterior, a empresa poderá apresentar, simultaneamente, vários ciclos operacionais que se desenvolvem em diferentes estágios. Dessa maneira, conclui-se que uma importante característica do capital de giro é seu grau de volatilidade, que é explicado, conforme comentado, pela curta duração de seus elementos e constante mutação dos itens circulantes com outros de natureza idêntica.

De acordo com Assaf Neto & Silva (2011), a gerência do capital de giro envolve a administração dos ativos e passivos circulantes, considerando as vinculações existentes entre eles. Nesse caso, o capital de giro líquido (CCL) é

calculado pela diferença entre ativo circulante e passivo circulante, representando a condição financeira da empresa.

O capital de giro líquido pode ser calculado pelas seguintes fórmulas (3) e (4):

$$CCL = AC - PC \quad (3)$$

$$CCL = (PL + PC) - ANC \quad (4)$$

Esse indicador demonstra o montante de recursos de longo prazo aplicado no financiamento dos ativos de curto prazo, funcionando como parâmetro essencial para a avaliação da liquidez organizacional.

No contexto da continuidade operacional das empresas, a presença de capital de giro líquido positivo pode indicar maior expectativa de solvência e melhores condições para a manutenção das atividades. Por outro lado, um capital de giro líquido negativo tende a sinalizar risco de insolvência, podendo ser interpretado como fragilidade na gestão financeira. No entanto, essa associação entre solvência, positiva ou negativa não deve ser analisada de forma isolada, pois está diretamente relacionada às estratégias adotadas pela empresa na administração do capital de giro e na compatibilização dos prazos de seus ativos e passivos circulantes (Rech *et al.*, 2019).

Existe a possibilidade de encontrar capital circulante líquido (CCL) negativo associado a uma boa liquidez, como ocorre em supermercados, que realizam compras a prazo, vendem à vista e possuem prazos de pagamento aos fornecedores maiores que a rotação dos estoques. Em contrapartida, uma empresa pode apresentar CCL positivo e, ainda assim, enfrentar dificuldades na administração dos recursos, especialmente quando há inconformidade entre os prazos de realização dos ativos circulantes e os vencimentos das obrigações de curto prazo (Silva, 2018).

### **2.1.1 Caixa e fluxos de caixa**

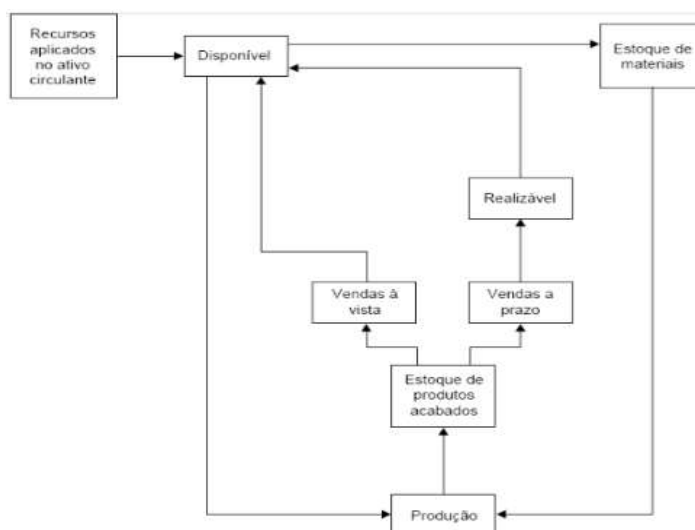
O disponível, também denominado caixa e equivalentes de caixa, são compostos pelos ativos de maior liquidez da empresa, incluindo dinheiro em

espécie, cheques ainda não depositados, depósitos bancários à vista e aplicações financeiras de liquidez imediata (Martins; Miranda; Diniz, 2024).

O caixa corresponde aos valores disponíveis em espécie mantidos pela empresa, sendo utilizado principalmente para o pagamento de pequenas despesas operacionais. Em geral, as organizações evitam manter grandes quantias em dinheiro por questões de segurança, adotando fundos fixos de caixa para atender gastos de baixo valor e alta urgência, como despesas cotidianas e troco em estabelecimentos comerciais (Sá, 2014).

O caixa passa por movimentos constantes dentro da empresa, em que os recursos aplicados no ativo circulante percorrem em fases até retornarem sob forma de disponível. Esse processo pode ser visualizado por um fluxograma (Figura 1), que demonstra o caminho percorrido dos recursos de acordo com sua finalidade, passando pelo estoque de materiais, realização das vendas e retorno de valores no caixa.

**Figura 1 – O fluxo do ativo circulante**



Fonte: Assaf Neto (2020, p. 396).

O fluxo de caixa é um instrumento que registra todas as entradas e saídas de recursos, possibilitando aos gestores visualizar a situação real do negócio e identificar possíveis desequilíbrios entre receitas e despesas. Uma gestão adequada desse instrumento é fundamental para analisar os movimentos do curto e no longo prazo, uma vez que permite detectar antecipadamente problemas financeiros, contribuindo para a manutenção da liquidez e da saúde econômica da empresa. (Cordeiro e Marquez, 2024). De acordo com Sá (2014), o fluxo de caixa é um

instrumento que registra as movimentações financeiras da empresa, possibilitando o acompanhamento da disponibilidade de recursos e fornecendo informações relevantes para o planejamento e o controle financeiro.

O quadro 2 apresenta um exemplo de demonstração do fluxo de caixa, elaborado com o objetivo de ilustrar a composição dos fluxos provenientes das atividades operacionais, de investimento e de financiamento, bem como sua influência sobre a variação do saldo de caixa da empresa.

**Quadro 2 – Demonstração do fluxo de caixa.**

<b>Demonstração do Fluxo de Caixa – Exemplo</b>	<b>Valor (R\$)</b>
<b>Atividades Operacionais</b>	
Lucro líquido	320.000,00
Aumento das contas a receber	(35.000,00)
Redução dos estoques	18.000,00
Aumento das contas a pagar	22.000,00
<b>Fluxo de caixa líquido das atividades operacionais</b>	<b>325.000,00</b>
<b>Atividades de Investimento</b>	
Venda de equipamento	15.000,00
Aquisição de máquinas	(70.000,00)
<b>Fluxo de caixa líquido das atividades de investimento</b>	<b>(55.000,00)</b>
<b>Atividades de Financiamento</b>	
Empréstimos obtidos	60.000,00
Amortização de empréstimos	(40.000,00)
Pagamento de dividendos	(20.000,00)
<b>Fluxo de caixa líquido das atividades de financiamento</b>	<b>0,00</b>
<b>Fluxo de caixa líquido do período</b>	<b>270.000,00</b>
Saldo inicial de caixa	110.000,00
<b>Saldo final de caixa</b>	<b>380.000,00</b>

Elaborado pelo autor (2026).

No quadro 2, as atividades operacionais iniciam-se pelo lucro líquido de R\$ 320.000,00, sendo ajustado pelas variações ocorridas nas contas operacionais. A redução dos estoques em R\$ 18.000,00 representa a conversão de parte dos estoques em caixa, contribuindo positivamente para o fluxo financeiro da empresa. Em contrapartida, o aumento das contas a receber em R\$ 35.000,00 indica que parte das vendas realizadas ainda não foi recebida, reduzindo temporariamente a disponibilidade de recursos. Além disso, o aumento das contas a pagar em R\$ 22.000,00 demonstra que parte das obrigações com fornecedores permaneceu em aberto, proporcionando financiamento operacional de curto prazo. Após esses ajustes, o fluxo de caixa líquido das atividades operacionais totaliza R\$ 325.000,00,

evidenciando que as atividades principais da empresa são capazes de gerar caixa suficiente para sustentar suas operações.

As atividades de investimento demonstram a aplicação de recursos em ativos de longo prazo. Observa-se uma entrada de R\$ 15.000,00 proveniente da venda de um equipamento e uma saída de R\$ 70.000,00 referente à aquisição de novas máquinas, resultando em fluxo líquido negativo de R\$ 55.000,00. Esse comportamento indica que a empresa está destinando recursos para ampliar ou modernizar sua capacidade operacional, visando ganhos de eficiência e crescimento futuro.

Já as atividades de financiamento refletem a relação da empresa com suas fontes de recursos. No exemplo, observa-se uma entrada de R\$ 60.000,00 proveniente da contratação de empréstimos, compensada pelas saídas de R\$ 40.000,00 referentes à amortização de financiamentos e R\$ 20.000,00 destinados ao pagamento de dividendos. Como resultado, o fluxo de caixa líquido das atividades de financiamento é nulo, indicando que os recursos captados foram integralmente utilizados para liquidar obrigações financeiras e remunerar os acionistas.

Ao final do período, o fluxo de caixa líquido foi positivo em R\$ 270.000,00, elevando o saldo de caixa de R\$ 110.000,00 para R\$ 380.000,00. Esse resultado evidencia uma situação financeira favorável, na qual a empresa consegue gerar caixa por meio de suas atividades operacionais, realizarem investimentos em ativos permanentes e cumprir seus compromissos financeiros, mantendo ainda o crescimento da disponibilidade de caixa ao final do período.

Quando o fluxo de caixa apresenta saldo positivo, como no exemplo, isso indica que a empresa está gerando mais recursos do que consumindo. Essa situação permite maior segurança financeira, possibilitando o pagamento de obrigações, realização de investimentos e até formação de reservas financeiras. Por outro lado, um fluxo de caixa negativo indica que a empresa está consumindo mais recursos do que gera o que pode comprometer sua liquidez. Nesse caso, a empresa pode enfrentar dificuldades para honrar compromissos de curto prazo, sendo necessário adotar medidas corretivas (SÁ, 2014).

O fluxo de caixa constitui instrumento fundamental para a continuidade das organizações, especialmente das micro e pequenas empresas. Embora enfrentem dificuldades de gestão e controle financeiro, muitos empreendedores reconhecem a

relevância desta ferramenta para auxiliar na tomada de decisões. Com isso, destaca Brito *et al.* (2024,p.1), “apesar das dificuldades, os gestores consideram esta ferramenta essencial para prever problemas financeiros, tomar decisões estratégicas e garantir a estabilidade do negócio”.

### **2.1.2 Estoques**

Os estoques podem ser entendidos como bens disponíveis para venda ou para utilização no processo produtivo. São materiais adquiridos antecipadamente para reduzir a necessidade de gastos elevados. Dessa forma os estoques representam ativos que traduzem o valor estimado de recursos armazenados (Almeida; Bastos, 2025).

Os estoques possuem um dos ativos mais relevantes do capital circulante, especialmente para grandes empresas com ampla circulação. A organização correta desse item é primordial ao iniciar e ao finalizar o período contábil, pois auxilia na apuração adequada do resultado do exercício. Além disso, a gestão de estoques deve ser considerada prioridade no planejamento estratégico e operacional, uma vez que o controle eficiente ajuda a reduzir desperdícios de tempo, custos e espaço, ao mesmo tempo em que garante o atendimento das demandas dos clientes no momento certo (Paoleschi, 2014).

As empresas enfrentam diversos desafios na gestão de estoques, como a ausência de tecnologias e sistemas de informação, dificuldades na previsão de demanda, efeitos da sazonalidade, limitações de espaço físico e restrições de capital para manter níveis elevados de estoque. A autora destaca que esses problemas podem ser reduzidos com a adoção de softwares automatizados de controle de estoque, pela análise contínua de dados históricos de vendas e pela implantação de estratégias de marketing que auxiliem na diminuição da sazonalidade e na estabilização da demanda ao longo do ano (Palmeira Pires 2024).

Segundo Hayashida *et al.*, (2024), a implementação de tecnologias de rastreamento e monitoramento, como códigos de barras, RFID (identificação por radiofrequência) e sistemas automatizados de gestão de estoques, é essencial para garantir precisão no controle dos níveis de estoque e identificar rapidamente eventuais divergências.

Manter níveis inadequados de estoque pode gerar impactos significativos no desempenho organizacional. Quando o estoque é mantido em excesso, a empresa incorre em custos elevados de armazenamento e pode enfrentar problemas de obsolescência dos produtos. Por outro lado, estoques insuficientes podem ocasionar atrasos nas entregas e resultar em insatisfação dos clientes. Dessa forma, encontrar o equilíbrio adequado é fundamental para a eficiência operacional. Além disso, a gestão de estoque está diretamente relacionada à gestão de fornecedores. Estabelecer parcerias sólidas com fornecedores confiáveis é essencial para assegurar o fornecimento contínuo de produtos de qualidade. Negociações envolvendo prazos de entrega e condições de pagamento vantajosas também contribuem para melhorar a eficiência da cadeia de suprimentos (Hayashida et al., 2024).

### **2.1.3 Contas a receber**

As contas a receber correspondem a valores que a empresa tem a receber de seus clientes, sendo classificadas como um ativo dentro do grupo de valores a receber. Podem ser associados a rendimentos recorrentes ou esperados, como salários, aluguéis, empréstimos concedidos ou vendas parceladas, que compõem a base do orçamento e representam entradas futuras de recursos (Almeida; Bastos, 2025).

As contas a receber, especialmente as duplicatas, representam a concessão de crédito aos clientes e desempenham papel crucial na manutenção do relacionamento empresarial. Colabora tanto para a fidelização dos clientes atuais quanto para a atração de novos consumidores. A gestão eficiente dessas contas é indispensável, devendo buscar o equilíbrio entre a minimização dos recursos investidos e a manutenção de um atendimento satisfatório (Chiavenato, 2022).

Conforme Palmeira Pires (2024), a gestão eficiente das contas a receber depende da utilização de sistemas adequados de faturamento e cobrança, do acompanhamento contínuo dos valores devidos pelos clientes e do estabelecimento de políticas de crédito bem estruturadas. A autora destaca ainda que o registro e o monitoramento dos saldos pendentes permitem que os gestores realizem lembretes, cobranças e adotem medidas necessárias para recuperar valores em atraso, assegurando a manutenção da liquidez e da saúde financeira da empresa.

A gestão do risco de crédito deve também considerar o equilíbrio entre medidas de controle e impacto comercial. De acordo com (Matias, 2014), pode ser definido regras para mensurar e controlar os custos, conforme quadro 3:

**Quadro 3 – Regras para controle de custos**

<b>Regra</b>	<b>Efeito Positivo</b>	<b>Efeito Negativo</b>
Prazos menores.	Diminuição do risco.	Clientes insatisfeitos. Podem procurar opções na concorrência.
Aumento dos descontos à vista.	Diminuição do risco.	Diminuição da margem.
Cobrança mais rápida.	Diminuição das perdas	Insatisfação dos Clientes.
Padrões de crédito mais adequados.	Atuação na concessão de crédito com prevenção de perdas	Insatisfação e falta de colaboração da equipe de vendas.
Diminuição das vendas a prazo.	Menor Insolvência	Menor volume de vendas.
Utilização de garantias.	Redução do risco e da necessidade de provisionamento.	Aumento da burocracia e dificuldade pela execução

Adaptado de Matias (2014).

Regras como a redução dos prazos de pagamento, aumento dos descontos à vista e utilização de garantias podem diminuir o risco de dívidas, porém também pode gerar efeitos colaterais, como menor volume de vendas, redução de margens e insatisfação dos clientes. Entretanto, é imprescindível avaliar as medidas restritivas que podem reduzir perdas e inadimplência, mas também podem comprometer o relacionamento com os clientes e a capacidade de expansão das vendas (Matias, 2014).

#### **2.1.4 Contas a pagar**

As contas a pagar representam obrigações de curto prazo assumidas pela empresa, que incluem fornecedores, salários, tributos e empréstimos. Tais responsabilidades estão inseridas no passivo circulante, que abrange todas as dívidas de curto prazo (Almeida; Bastos, 2025).

Deve-se efetuar planejamento para que os pagamentos sejam realizados em dia, sem provocar desfalques no caixa e mantendo a saúde financeira organizada. Essa é uma tarefa que exige cuidado e atenção do empreendedor, que muitas vezes ainda apresenta dificuldades em gerenciar o negócio de forma eficiente. Controlar as contas a pagar também fornece informações essenciais para as tomadas de decisão relacionadas aos compromissos que representam desembolso de recursos (Sá, 2021).

De acordo com Melgarejo e Camilo (2023), o controle de contas a pagar é uma atividade comum nas organizações; contudo, muitas empresas não realizam esse controle de forma diária, o que facilita a ocorrência de falhas no setor financeiro. Quando isso acontece, a organização é diretamente prejudicada, pois deixa de ter informações concretas de suas receitas, dificultando a identificação dos valores a receber e comprometendo o controle do caixa. Para que a empresa consiga ter uma boa gestão de suas obrigações financeiras, alguns procedimentos são considerados essenciais, tais como:

- (i) Registrar todas as contas a receber, independentemente do valor, desde os montantes mais baixos até os mais elevados.
- (ii) Registrar todas as contas pagas pela empresa, abrangendo desde despesas simples, como pequenas compras do dia a dia, até compromissos de maior complexidade, como financiamentos de veículos, aquisição de máquinas ou compra de terrenos.
- (iii) Manter o controle do fluxo de caixa, ferramenta indispensável para a gestão financeira, pois é por meio dela que o gestor consegue identificar a rentabilidade da empresa. Esse controle deve ser realizado diariamente, permitindo à organização conhecer o saldo disponível em caixa, avaliar sua capacidade de pagamento e antecipar eventuais insuficiências de recursos para honrar compromissos semanais ou mensais.

## 2.2 INDICADORES FINANCEIROS

### 2.2.1 Indicadores de liquidez

Os índices de liquidez são indicadores financeiros elaborados a partir das demonstrações contábeis e têm como finalidade avaliar a capacidade de pagamento de uma empresa. Esses indicadores relacionam os valores do ativo com os do passivo, permitindo identificar o quanto a organização dispõe de recursos para cumprir suas obrigações com terceiros (Silva, 2024)

O índice de liquidez auxilia na avaliação financeira das empresas que conseguem analisar a relação entre o passivo e o ativo, através desses indicadores as empresas conseguem mensurar o nível de liquidez presente tanto no curto e longo prazo.

Quanto maior for o índice, melhor é a condição da organização para quitar suas obrigações. A liquidez reflete na solvência financeira, ou seja, analisa se a empresa possui recursos disponíveis e não imobilizados suficientes para cobrir as dívidas de curto prazo. Os ativos circulantes desempenham papel fundamental nesse processo, pois representam as disponibilidades e direitos que podem ser convertidos em caixa com mais rapidez. Para verificar o grau de liquidez e a capacidade de pagamento da empresa, utiliza-se um conjunto de indicadores específicos, como a liquidez corrente, seca, geral e imediata (Chiavenato, 2022).

#### a) Liquidez imediata

O indicador de liquidez imediata concentra-se nos recursos que a empresa possui disponíveis de forma instantânea, como caixa, saldos bancários e aplicações financeiras de liquidez imediata. Por não considerar contas a receber, estoques ou outros valores que dependem de prazos para realização, esse índice permite avaliar com maior precisão a capacidade da organização de cumprir obrigações no curtíssimo prazo (Vale, 2018).

O cálculo revela as dívidas de curto prazo e avalia a capacidade da empresa quitar suas dívidas imediatamente. É um cálculo com menos utilização pelas empresas, pois as empresas deixam poucos recursos no caixa e geralmente o

resultado da divisão é baixo (Assaf Neto, 2023). O cálculo pode ser realizado pela seguinte fórmula (5):

$$LI = \frac{\textit{Disponível}}{\textit{PC}} \quad (5)$$

Segundo Chiavenato (2022), a liquidez nem sempre é imediata, pois depende da capacidade da empresa em transformar seus ativos em recursos disponíveis para o pagamento de obrigações. O índice de liquidez imediata representa um avanço na análise da liquidez, pois relaciona as obrigações de curto prazo com os valores disponíveis. O indicador expressa a proporção de dívidas que podem ser liquidadas de forma instantânea por meio de recursos monetários.

#### b) Liquidez seca

O indicador de liquidez seca demonstra a capacidade de a empresa liquidar suas dívidas de curto prazo utilizando apenas os ativos com maior liquidez, ou seja, não utilizará estoque e despesas antecipadas (Bicalho *et al.*). O indicador demonstra uma visão conservadora do financeiro no curto prazo (Assaf Neto, 2023). O cálculo para liquidez seca é dada pela expressão (6):

$$LS = \frac{AC - \textit{Estoque} - \textit{Despesas Antecipadas}}{\textit{Passivo Circulante}} \quad (6)$$

O índice de liquidez seca (ILS) deve apresentar valor igual ou superior a 1,0, podendo ocorrer variação de acordo com o ramo de atividade da empresa. Nos casos em que os estoques apresentam alta liquidez, ou seja, podem ser rapidamente convertidos em caixa, o ILS também pode ser utilizado como uma medida representativa da liquidez global da organização (Chiavenato, 2022).

#### c) Liquidez corrente

O índice de liquidez corrente (LC) é obtido pela relação entre o ativo circulante e o passivo circulante, permitindo avaliar a capacidade da empresa de cumprir suas obrigações no curto prazo (Rodrigues e Senna, 2023). De acordo com Assaf Neto (2023, p.171): “A liquidez corrente indica o quanto existe de AC para

cada R\$ 1,00 de dívida em curto prazo. Quanto maior a LC, mais alta se apresenta a capacidade da empresa em financiar suas necessidades de capital de giro”.

A fórmula (7) para cálculo da liquidez corrente é:

$$LC = \frac{AC}{PC} \quad (7)$$

Conforme Chiavenato (2022), quando o índice de liquidez corrente (ILC) é igual a 1,0, demonstra que o ativo circulante é equivalente ao passivo circulante, obtendo um capital de giro líquido nulo. Contudo, quando o ILC é inferior a 1,0, a empresa apresenta capital de giro negativo, o que indica dependência de receitas futuras, renegociação de dívidas ou venda de ativos permanentes para manter sua solvência.

d) Liquidez geral

Esse indicador avalia a liquidez da empresa no curto e no longo prazo, indicando a capacidade da empresa arcar com suas dívidas utilizando os recursos do AC e do realizável em longo prazo, evidenciando o que a empresa possui de direitos e haveres para cada unidade de dívida total (Assaf Neto, 2023). Podendo ser calculada pela seguinte fórmula (8):

$$LG = \frac{AC + \text{realizável longo prazo}}{PC + \text{Exigível a longo prazo}} \quad (8)$$

Conforme Silva (2024), o índice de liquidez geral amplia a análise realizada pela liquidez corrente ao considerar também os direitos e as obrigações de longo prazo, representados pelo Realizável em Longo Prazo e pelo Exigível em Longo Prazo. Dessa forma, esse indicador permite avaliar a saúde financeira da empresa em um horizonte mais amplo, oferecendo uma visão mais completa de sua capacidade de cumprimento das obrigações futuras.

## 2.2.2 Indicadores de eficiência operacional

### a) Margem EBITDA

A margem EBITDA é baseada no lucro que a empresa teve antes de serem contabilizados os juros, a depreciação e a amortização do período corrente. Refere à razão do lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização pela receita líquida de uma empresa. Esse indicador pode ser calculado pela fórmula (9):

$$MARGEM\ EBITDA = \left( \frac{EBITDA}{RECEITA\ LIQUIDA} \right) \times 100 \quad (9)$$

A margem EBITDA é apropriada para avaliações internas, permitindo comparações históricas dentro da própria empresa. Entretanto, sua aplicação em análises entre diferentes organizações é limitada, devido às particularidades na estrutura de ativos operacionais de cada empresa (Padoveze, 2020).

### b) Margem Operacional (EBIT/Receita Líquida)

A margem operacional indica a proporção das receitas líquidas que se transforma em lucro proveniente das operações, sendo um indicador relevante de desempenho econômico da empresa (Martins; Miranda; Diniz, 2024). Seu cálculo é realizado utilizando a expressão (10).

$$MARGEM\ OPERACIONAL = \left( \frac{EBIT}{RECEITA\ LÍQUIDA} \right) \times 100 \quad (10)$$

Esse indicador é útil para avaliar o crescimento da eficiência produtiva da empresa ao longo do tempo. Pode-se também ser utilizado para comparar a lucratividade operacional de empresas de mesmo segmento.

### c) Ciclo de conversão de caixa

O ciclo de conversão de caixa mostra o intervalo entre o desembolso para pagamento de fornecedores e o recebimento das vendas (Assaf Neto, 2023), computado pela fórmula (11).

$$CCC = PME + PMC - PMPF \quad (11)$$

Segundo Farinelli e Ambrozini (2022), ele é um dos principais parâmetros para avaliar a eficiência da gestão de ativos e passivos circulantes, impactando diretamente a rentabilidade das empresas.

### 2.2.3 Indicadores de risco financeiro e solvência

#### a) Nível de endividamento de curto prazo

O nível de endividamento de curto prazo indica o montante de obrigações financeiras que vencem em até 12 meses. Pode ser determinado pela relação do passivo circulante e o ativo total, conforme equação (12).

$$NECP = \frac{PC}{AT} \quad (12)$$

Segundo Assaf Neto (2023) esse indicador revela a dependência da empresa em relação a recursos de terceiros para financiar suas operações correntes, sendo um dos principais parâmetros de análise da estrutura de capital.

Também se pode determinar a proporção das dívidas financeiras de curto prazo em relação ao total das obrigações correntes da empresa. Nesse caso, o índice evidencia quanto do passivo circulante é composto por empréstimos e financiamentos bancários de curto prazo, em comparação com outras obrigações com os fornecedores, salários, tributos etc. A fórmula que relaciona empréstimos de curto prazo com o Passivo Circulante é expressa por (13):

$$Proporção\ de\ dívida\ de\ CP = \frac{ECP}{PC} \quad (13)$$

#### b) Índice de cobertura de juros

O índice de cobertura de juros avalia a capacidade da empresa de cumprir suas obrigações financeiras relacionadas ao pagamento de juros, indicando quantas

vezes o resultado operacional é suficiente para cobrir essas despesas (ROSS *et al.*, 2022). É calculado por (14).

$$\text{Índice de cobertura de juros} = \frac{\text{LAJIR}}{\text{Juros}} \quad (14)$$

### 2.3 ESTUDOS SOBRE CAPITAL DE GIRO E IMPACTO NO FLUXO DE CAIXA

Os dados levantados por Brito *et al.*, (2024) mostram que parte do mercado pesquisado já utiliza práticas formais de gestão financeira. Identificaram que “62,5% das empresas utilizam fluxo de caixa, sendo 80% delas atualizadas diariamente, e 62,5% realizam planejamento específico para o capital de giro” (Brito *et al.*, 2024, p.38). Esses resultados demonstram que, mesmo em negócios de menor porte, a utilização de controles financeiros adequados contribui para maior organização e estabilidade das operações.

Quanto à gestão do capital de giro, Oliveira, Ramalho e Moura (2013) apontam que as empresas ainda enfrentam fragilidades significativas na administração de seus recursos de curto prazo. Indicam que a probabilidade de solvência é de apenas 17%, enquanto as chances de inadimplência e de insolvência chegam a 51% e 32%, respectivamente. Esses dados retratam que muitas organizações encontram dificuldades para administrar e equilibrar seu capital de giro, comprometendo diretamente sua funcionalidade e a capacidade de honrar compromissos no curto prazo.

Os dados de fluxo de caixa apresentados por Oliveira, Ramalho e Moura (2013) demonstram que a maioria das empresas têm chances superiores a 50% de manter o caixa positivo. Portanto, o risco de um fluxo de caixa negativo varia entre 34% e 50%, o que destaca a importância da gestão financeira organizada. Portanto, há alguns fatores que podem afetar a previsibilidade dos fluxos de caixa, como crises econômicas ou práticas inadequadas de controle financeiro.

Silva e Castro (2020) em seus estudos verificaram que 47,4% das empresas analisadas possuíam capital de giro suficiente para cumprir seus prazos de pagamento, enquanto 36,8% afirmaram contar com esse recurso somente em algumas ocasiões. O estudo também mostrou que 15,8% das empresas raramente

dispunham desse capital, apresentando, portanto, recorrentes problemas de liquidez. Ainda assim, apenas 7,9% declararam recorrer ao capital de terceiros para suprir suas necessidades financeiras.

Quanto à utilização de ferramentas para controle de caixa, uma pesquisa quantitativa via *Google forms*, mostra que a maioria dos entrevistados utiliza ferramentas básicas para o controle financeiro, destacando-se o uso de extrato bancário como o recurso mais empregado pelas empresas, sendo utilizado por 36,36% dos entrevistados. Também foi mencionado o uso de planilhas, consultorias externas, anotações manuais e sistemas ERP, além do fluxo de caixa, que embora citado por alguns participantes, ainda é pouco difundido entre empresas. (Godoi *et al.*, 2025).

No setor da construção civil, Batista *et al.* (2019), ao analisarem empresas brasileiras de capital aberto no período de 2007 a 2016, verificaram que indicadores como prazo médio de estocagem, prazo médio de recebimento e prazo médio de pagamento exercem influência significativa sobre a rentabilidade das organizações. Os autores concluíram que a administração eficiente desses componentes contribui para a melhoria do desempenho financeiro das empresas do setor. Além disso, Oliveira e Melo Sobrinho (2021), ao avaliarem empresas brasileiras da construção civil, observaram que a gestão do capital de giro está diretamente relacionada à capacidade de geração de caixa, sendo um fator essencial para a manutenção da liquidez e da sustentabilidade financeira.

Os estudos demonstram a relevância entre capital de giro e fluxo de caixa, uma vez que o controle da gestão pode ser a diferença entre a sobrevivência e o fracasso empresarial. Tendo um mercado competitivo e por mudanças econômicas, empresas que não controlam de forma eficiente e eficaz seus recursos de curto prazo ficam mais expostas a riscos de inadimplência e insolvência. Entretanto, empresas que organizam e acompanham seus fluxos financeiros conseguem não apenas manter a liquidez, mas também criar condições para investir em crescimento e garantir maior estabilidade no mercado.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho foi à pesquisa descritiva, de abordagem quantitativa, com procedimento técnico caracterizado como estudo de caso.

A pesquisa descritiva tem como principal objetivo a descrição das características de determinado fenômeno, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis, utilizando técnicas padronizadas de coleta e análise de dados (Gil, 2026). No presente trabalho, essa abordagem é aplicada na análise dos indicadores financeiros da MRV Engenharia e Participações S.A., buscando analisar e descrever a gestão do capital de giro e do fluxo de caixa no intervalo analisado de 2021 a 2025. Dessa forma, a pesquisa permite identificar variações, tendências e relações entre os dados financeiros, contribuindo para uma melhor compreensão da situação econômica da empresa.

A abordagem quantitativa caracteriza-se pela utilização de dados numéricos organizados em etapas estruturadas, que incluem a preparação dos dados, a análise estatística e a interpretação dos resultados (Gil, 2026). Inicialmente, os dados são tratados e organizados para garantir consistência e confiabilidade. Em seguida, são aplicados cálculos e indicadores que possibilitam a identificação de padrões, tendências e relações entre as variáveis analisadas. Por fim, os resultados são interpretados através do todo contexto estudado.

#### 3.1 ESTUDO DE CASO

Neste trabalho realizou-se um estudo de caso, que segundo Lakatos e Marconi (2022), é uma metodologia que permite investigar práticas administrativas em uma organização específica e compreender como os processos são estruturados e aplicados na realidade empresarial. Essa abordagem é aplicada quando se pretende analisar informações financeiras e gerenciais (Yin, 2015). Para a realização do estudo de caso, selecionou-se a empresa MRV Engenharia, uma das maiores construtoras do Brasil, com atuação destacada no setor de incorporação imobiliária e foco na habitação popular.

A MRV Engenharia e Participações S.A. foi fundada em 1979, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, iniciando suas atividades no setor da construção civil com foco no desenvolvimento de empreendimentos imobiliários. Desde sua criação, a empresa buscou consolidar sua atuação no mercado por meio da expansão de suas operações e da diversificação de seus projetos.

Ao longo das décadas, a MRV ampliou significativamente sua presença no território nacional, passando a atuar em diversas regiões do Brasil. A partir dos anos 2000, a empresa direcionou suas estratégias para o segmento de habitação popular, tornando-se uma das principais participantes de programas habitacionais, como o Programa Minha Casa Minha Vida, criado pelo governo federal, o que contribuiu para o seu crescimento e fortalecimento no mercado.

O setor da construção civil possui grande relevância para a economia brasileira, destacando-se como um dos principais impulsionadores do crescimento econômico do país. De acordo com dados recentes, a construção civil apresentou crescimento de aproximadamente 1,3% em 2025, sendo considerado um dos setores que mais contribuem para o Produto Interno Bruto (PIB) nacional (Infomoney, 2026). Além disso, há expectativa de expansão superior ao próprio PIB nos próximos anos, impulsionada por investimentos em infraestrutura e programas habitacionais (Cnn Brasil, 2026).

Outro aspecto relevante é a elevada capacidade de geração de empregos e renda. O setor emprega milhões de trabalhadores no Brasil, alcançando cerca de 3 milhões de empregos formais, com crescimento contínuo mesmo em cenários econômicos adversos (Infomoney, 2026). Ademais, a construção civil apresenta forte efeito multiplicador, estimulando diversos segmentos da economia, como indústria de materiais, serviços e comércio, contribuindo diretamente para o desenvolvimento econômico e social (Rio construção summit, 2025).

Cabe mencionar também que, um marco importante na trajetória da empresa ocorreu em 2007, quando realizou sua abertura de capital na B3 (Brasil, Bolsa, Balcão). Esse processo permitiu a captação de recursos no mercado financeiro, impulsionando sua expansão e aumentando sua capacidade de investimento em novos empreendimentos.

A escolha da MRV Engenharia como objeto de estudo justifica-se por sua relevância estratégica no mercado imobiliário nacional e pela complexidade de sua

gestão financeira, que envolve grande volume de operações e necessidade constante de equilíbrio entre recursos disponíveis e compromissos assumidos.

Além disso, a empresa se destaca como uma das principais parceiras do governo na execução de políticas públicas voltadas à habitação popular. Ela possui grande representatividade no segmento de habitação de interesse social, atendendo principalmente famílias de baixa e média renda, com forte participação no programa habitacional e milhares de unidades entregues ao longo dos anos, contribuindo para a ampliação do acesso à moradia no Brasil, especialmente por meio do programa Minha Casa, Minha Vida, que representa parcela significativa dos lançamentos e vendas do setor imobiliário (Brasil, 2025).

Dessa forma, analisar a empresa permite compreender, na prática, como a gestão financeira e operacional está relacionada com o desempenho de organizações inseridas em setores estratégicos para o desenvolvimento econômico e social do país (MRV, 2026; Brasil, 2025).

O estudo de caso terá como foco a gestão do capital de giro e do fluxo de caixa da MRV, aspectos fundamentais para a sustentabilidade financeira e para a manutenção da liquidez da empresa. A análise permitirá compreender como a organização administra seus ativos e passivos circulantes, bem como as estratégias adotadas para garantir o equilíbrio entre entradas e saídas de recursos. Dessa forma, busca-se identificar práticas de gestão que contribuam para a eficiência operacional e para a solidez financeira em um setor caracterizado por alta competitividade e ciclos econômicos desafiadores.

### 3.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa documental, utilizando informações financeiras disponibilizadas publicamente no website da B3 (Brasil, Bolsa, Balcão). Os dados referem-se à empresa MRV Construções S.A., sendo extraídos de demonstrativos contábeis e relatórios financeiros referentes ao período de 2021 a 2025. Foram coletadas informações relacionadas ao ativo circulante para análise das principais componentes do capital de giro e o ativo total para cômputo dos investimentos em capital de giro (tabela 1). A tabela 2 apresenta os dados coletados para realização dos cálculos dos períodos médios de estocagem,

recebimentos e pagamentos a fornecedores. Com base nestas informações serão computados o ciclo de conversão de caixa e o giro de caixa da empresa.

As variáveis do fluxo de caixa, que fornecem informações sobre a evolução do caixa da empresa ao longo dos anos analisados, estão dispostas na tabela 3. Por fim, a tabela 4 mostra as demais variáveis necessárias para o cálculo dos índices de liquidez, eficiência operacional e risco financeiro e solvência.

Todos os dados coletados foram disponibilizados em planilha Excel e o cômputo dos cálculos dos indicadores financeiros relatados no texto acima foram efetuados empregando os modelos matemáticos descritos nos itens 2.1 e 2.2.

**Tabela 1 – Ativo total e Capital de Giro da empresa MRV**

Valores em (R\$)	2025	2024	2023	2022	2021
Ativo total	28.529.287	29.430.687	25.071.702	22.601.329	20.321.428
Ativo Circulante	15.451.511	13.695.089	11.661.860	10.303.472	9.458.398
Caixa e equivalentes de caixa	255.863	414.563	406.767	733.748	947.928
Estoques (Imóveis a comercializar)	5.436.499	4.923.341	4.588.462	2.642.274	2.380.285
Contas a receber	4.203.342	3.482.257	2.850.533	4.583.823	4.319.247

Dados coletados pelo autor (fonte website B3)

**Tabela 2 – Variáveis para cálculo do ciclo de conversão de caixa (CCC)**

Valores em (R\$)	2025	2024	2023	2022	2021
Receita Operacional Líquida	10.906.236	9.009.035	7.429.915	6.645.285	7.106.201
Custo dos Imóveis Vendidos e Serviços Prestados	7.706.442	6.633.159	5.742.737	5.327.731	5.277.356
Estoques (Imóveis a comercializar)	5.436.499	4.923.341	4.588.462	2.642.274	2.380.285
Contas a receber	4.203.342	3.482.257	2.850.533	4.583.823	4.319.247
Fornecedores	865.422	851.597	724.177	895.087	716.428

Dados coletados pelo autor (fonte website B3)

**Tabela 3 – Fluxo de caixa**

Valores em (R\$)	2025	2024	2023	2022	2021
Caixa Líquido Atividades Operacionais	541.982	-400.705	-823.922	-810.664	-403.118
Caixa Líquido Atividades de Investimento	817.105	-885.170	-1.703.627	-1.538.737	-354.726
Caixa Líquido Atividades de Financiamento	-1.458.371	1.232.010	2.223.800	2.120.788	617.327
Aumento (Redução) de Caixa	-158.700	7.796	-326.981	-214.180	-132.777
Saldo Inicial de Caixa	414.563	406.767	733.748	947.928	1.080.705
Saldo Final de Caixa	255.863	414.563	406.767	733.748	947.928

Dados coletados pelo autor (fonte website B3)

**Tabela 4 – Variáveis para cálculo dos indicadores de liquidez eficiência operacional e endividamento**

Valores em (R\$)	2025	2024	2023	2022	2021
Ativo Circulante	15.451.511	13.695.089	11.661.860	10.303.472	9.458.398
Passivo Circulante	7.625.531	8.141.830	5.626.218	5.063.732	3.979.882
Lucro Operacional Antes do Resultado Financeiro (EBIT)	201.196	433.540	69.861	362.382	1.129.110
Receita Operacional Líquida	10.906.236	9.009.035	7.429.915	6.645.285	7.106.201
Depreciação e Amortização	251.608	172.616	133.409	176.381	129.009
Empréstimos, financiamentos e debêntures	1.237.427	3.177.766	1.365.635	1.148.232	859.817
Despesas financeiras	1.611.704	1.264.546	467.360	594.126	238.204

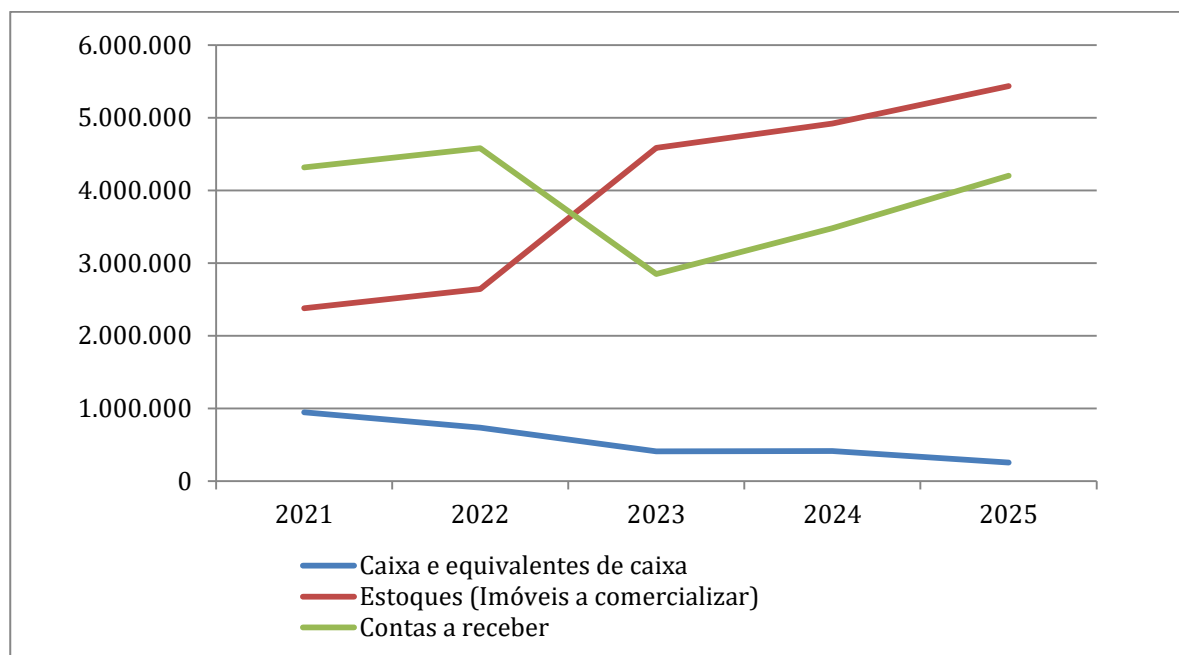
Dados coletados pelo autor (fonte website B3)

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 ANÁLISE DO CAPITAL DE GIRO

Neste subitem, será apresentada a análise do capital de giro da MRV Engenharia, com base nas demonstrações contábeis referentes ao período de 2021 a 2025. Serão examinados o comportamento e a composição do ativo circulante, bem como suas variações ao longo dos anos, além da análise do investimento em capital de giro por meio de indicadores específicos. O objetivo é avaliar a evolução da estrutura financeira da empresa, sua capacidade de liquidez e os impactos das decisões operacionais na gestão dos recursos de curto prazo, fornecendo subsídios para a compreensão de sua situação econômico-financeira.

**Gráfico 1 – Valores absolutos do capital de giro**



Elaborado pelo autor (2026).

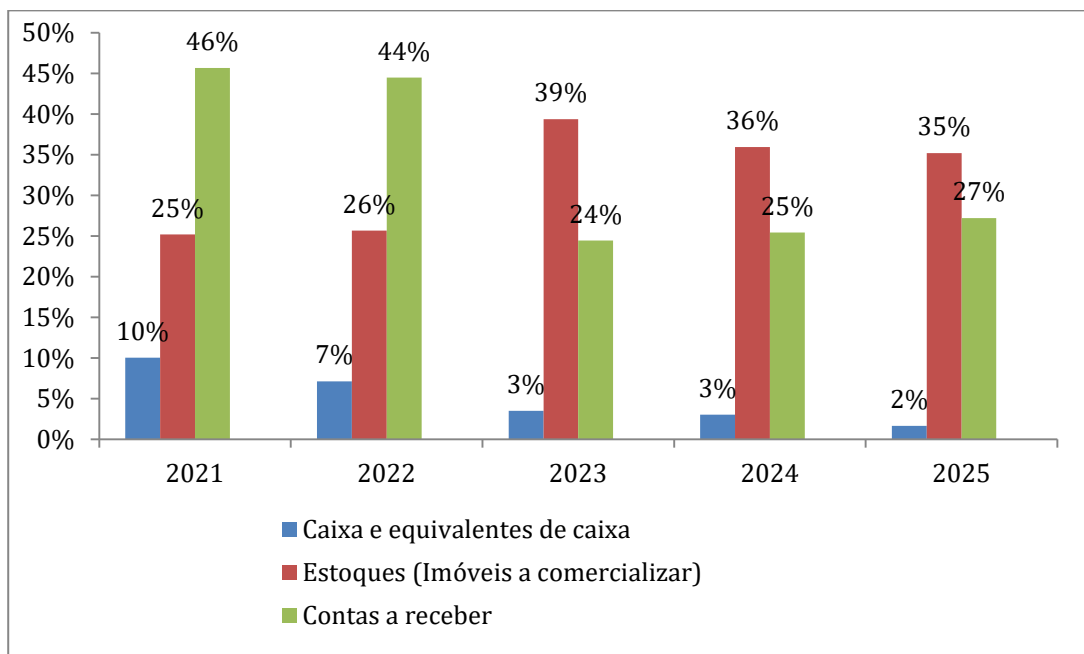
Ao analisar a composição do ativo circulante (gráfico 1), observa-se que os estoques representam a maior parcela no período estudado. Houve crescimento significativo de R\$ 2.380.285 em 2021 para R\$ 5.436.499 em 2025, com uma variação de 128,4%, indicando maior volume de unidades disponíveis para venda.

O aumento dos estoques pode estar relacionado ao cenário econômico brasileiro dos últimos anos, marcado pela elevação da taxa básica de juros (Selic). O

aumento dos juros encarece o financiamento imobiliário e reduz o acesso da população ao crédito habitacional, impactando diretamente o volume de vendas de imóveis (G1, 2022). Como consequência, empresas do setor da construção civil tendem a apresentar maior acúmulo de unidades disponíveis para comercialização. Segundo dados da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), os juros elevados aumentaram a cautela no mercado imobiliário e encareceram o acesso à moradia financiada (O Tempo, 2025).

As contas a receber apresentam oscilação durante os anos, com redução entre 2021 e 2023, seguida de crescimento até 2025, atingindo R\$ 4.203.342. Esse aumento pode indicar maior volume de vendas a prazo ou atraso no pagamento das parcelas, o que impacta diretamente o ciclo operacional e o prazo de recebimento da empresa. Ao relacionar as variáveis estoques e contas a receber nota-se que apesar do aumento das vendas a prazo a partir de 2023, os estoques da empresa também aumentaram no mesmo período (2023 a 2025). Esse comportamento pode estar relacionado tanto à ampliação das vendas financiadas quanto ao aumento do risco de inadimplência dos clientes. Em 2023, a empresa aderiu ao programa Desenrola Brasil, oferecendo renegociação de dívidas aos clientes inadimplentes, com descontos e parcelamentos facilitados, demonstrando preocupação da empresa com a recuperação dos valores a receber e com os impactos da inadimplência sobre o fluxo de caixa (O Dia, 2023).

Por outro lado, o caixa e equivalentes de caixa apresentam tendência de queda de 73,01% entre o período analisado, passando de R\$ 947.928 em 2021 para R\$ 255.863 em 2025. Essa redução está relacionada ao maior volume de investimentos operacionais, especialmente em estoques, além do aumento das contas a receber, apontando mais uma vez possíveis atrasos nos recebimentos dos produtos vendidos, o que reduz a disponibilidade imediata de recursos financeiros (gráfico 2).

**Gráfico 2 – Valores relativos do CG em relação ao ativo circulante**

Elaborado pelo autor (2026).

No gráfico 2, observa-se inicialmente uma redução significativa na participação do caixa e equivalentes, que passou de 10% em 2021 para apenas 2% em 2025. Esse comportamento indica diminuição da liquidez imediata, demonstrando que a empresa está mantendo menor volume de recursos disponíveis para cumprir obrigações de curto prazo.

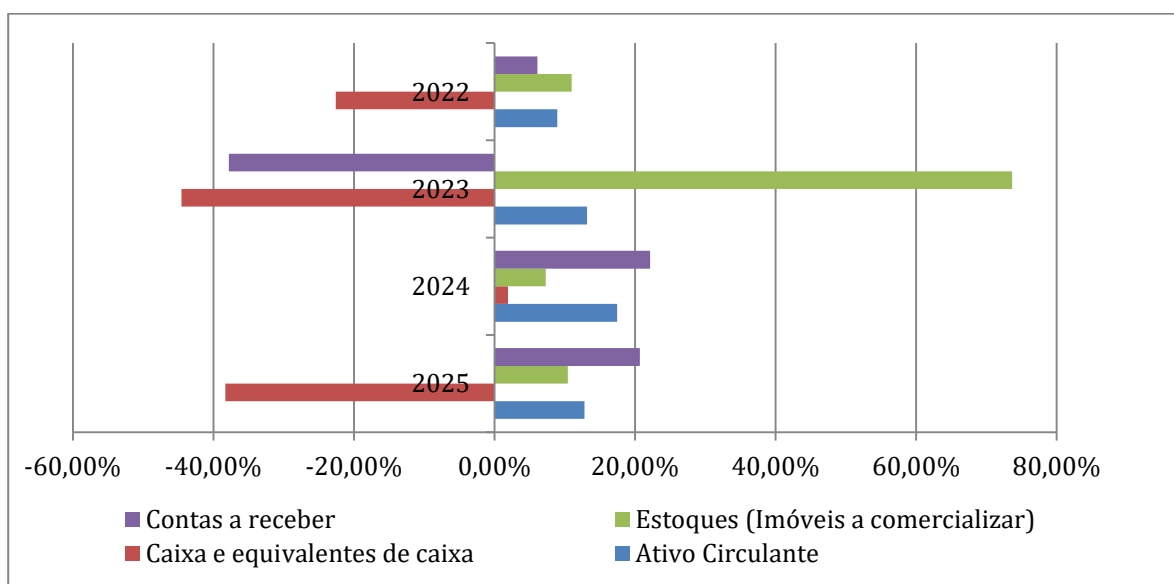
Por outro lado, os estoques apresentaram crescimento relevante na participação, saindo de 25% em 2021 para 35% em 2025, com pico de 39% em 2023. Esse aumento indica maior concentração de recursos em ativos menos líquidos, que pode impactar negativamente o fluxo de caixa, devido ao maior tempo necessário para conversão em dinheiro.

Embora a participação das contas a receber no ativo circulante tenha diminuído de 46% para 27% entre 2021 e 2025, essa redução não deve ser interpretada, isoladamente, como melhoria na política de recebimento. Em valores absolutos, as contas a receber permaneceram relativamente estáveis, passando de R\$ 4,3 bilhões para R\$ 4,2 bilhões, enquanto o ativo circulante cresceu de forma mais acelerada devido ao aumento dos estoques. Dessa forma, a queda percentual reflete principalmente a maior expansão dos estoques em relação aos demais componentes do ativo circulante.

Análise das variáveis caixa, estoques e contas a receber da MRV Engenharia demonstra comportamento compatível com o cenário enfrentado pelo setor da construção civil nos últimos anos. Conforme destacado em análise do BTG Pactual (Banking and Trading Group Pactual), o ambiente de juros elevados reduziu o ritmo das vendas de imóveis e aumentou a pressão sobre o capital de giro das construtoras (Money Times, 2026).

Como consequência, observa-se pressão sobre a disponibilidade de caixa da empresa, uma vez que parte significativa dos recursos permanece aplicada em estoques e valores a receber. Segundo análise divulgada pelo BTG Pactual, o setor da construção civil passou a enfrentar maiores desafios relacionados à geração de caixa e à necessidade de financiamento operacional, especialmente em empresas com ciclos financeiros mais longos (Money Times, 2026). Assim, observa-se que o crescimento do capital de giro ocorreu principalmente em ativos de menor liquidez, o que contribuiu para elevar a necessidade de financiamento operacional. Embora essa estratégia possa refletir expectativas de expansão das vendas futuras, também aumenta o risco financeiro caso a conversão desses ativos em caixa ocorra de forma mais lenta do que o esperado.

**Gráfico 3 – Variação anual dos componentes do CG**



Elaborado pelo autor (2026).

O ativo circulante apresentou crescimento em todos os anos analisados, impactado principalmente pelo aumento dos estoques e contas a receber, com

destaque para 2024 que apresentou uma maior variação (17,43%), indicando expansão das operações. Em 2025, embora o crescimento ainda seja positivo (12,83%), observa-se uma leve desaceleração no ritmo de expansão do capital de giro da empresa (gráfico 3).

O comportamento do caixa e equivalentes de caixa revela forte volatilidade, com variações negativas expressivas em 2022 (-22,59%), 2023 (-44,56%) e 2025 (-38,28%). Somente em 2024 que a empresa apresentou um pequeno aumento de caixa (1,92%). Esse padrão indica consumo de caixa e redução contínua da liquidez imediata, possivelmente em função da aplicação de recursos nas atividades operacionais e dificuldade de reposição de caixa.

Os estoques (imóveis a comercializar) apresentaram crescimento consistente ao longo de todo o período, com destaque para 2023 (73,66%), evidenciando forte expansão dos ativos operacionais e baixa venda no ano de 2023. Nos anos seguintes, o crescimento se mantém, porém em ritmo mais moderado (7,30% em 2024 e 10,42% em 2025), indicando possível estabilização no ritmo de expansão dos estoques, devido ao elevado quantitativo de imóveis disponíveis para comercialização.

As contas a receber apresentaram comportamento mais instável, com queda acentuada em 2023 (-37,81%), reflexo do volume baixo de vendas em 2023 e crescimento em 2024 (22,16%) e 2025 (20,71%). Essa oscilação pode estar relacionada com mudanças na política de crédito, no volume de vendas a prazo ou no nível de inadimplência da empresa.

**Tabela 5 – Índice de investimento do capital de giro**

Ano	2021	2022	2023	2024	2025
Ativo Total (R\$)	20.321.428	22.601.329	25.071.702	29.430.687	28.529.287
Ativo Circulante (R\$)	9.458.398	10.303.472	11.661.860	13.695.089	15.451.511
Investimentos em CG	47%	46%	47%	47%	54%

Dados coletados pelo autor (fonte website B3)

Na tabela 5, observa-se que o índice de investimento do capital de giro é praticamente constante ao longo de 2021 a 2024, variando entre 46% e 47%. Esse comportamento indica que, nesses anos, aproximadamente metade dos recursos totais da empresa estava concentrada no ativo circulante, refletindo um equilíbrio

entre ativos de curto e longo prazo. Entretanto, em 2025, verifica-se um aumento significativo deste índice, que atingiu 54%.

Embora a empresa tenha apresentado crescimento do capital de giro, esse resultado não deve ser interpretado isoladamente como indicador absoluto de melhora financeira. Observou-se que grande parte do capital de giro estava concentrada em estoques e contas a receber, ativos com menor liquidez imediata e maior dependência de conversão operacional em caixa. Nesse contexto, conforme Rech et al. (2019), a análise do capital de giro líquido deve considerar não apenas seu valor positivo ou negativo, mas também a estratégia financeira adotada pela empresa e a compatibilização entre os prazos dos ativos e passivos circulantes.

#### 4.2 ANÁLISE DO CICLO DE CONVERSÃO DE CAIXA (CCC)

Nesta etapa do estudo, será apresentada a análise do ciclo de conversão de caixa da MRV Engenharia, com base nos indicadores operacionais e financeiros referentes ao período de 2021 a 2025. Serão examinados o prazo médio de estocagem (PME), o prazo médio de recebimento (PMC) e o prazo médio de pagamento a fornecedores (PMPF), bem como o cálculo do ciclo de conversão de caixa (CCC) e do giro de caixa. O objetivo é avaliar a eficiência da empresa na gestão do capital de giro, identificando o tempo necessário para a recuperação dos recursos investidos nas operações e seus impactos na liquidez e no desempenho financeiro.

**Tabela 6 – indicadores do ciclo de conversão de caixa**

VALORES CALCULADOS					
ANO	2021	2022	2023	2024	2025
PME (dias)	162	179	288	267	254
PMC (dias)	219	248	138	139	139
PMPF (dias)	49	60	45	46	40

Elaborado pelo autor (2026).

O prazo médio de estocagem (PME) indica quanto tempo em média a empresa leva para vender o imóvel. Nota-se pela tabela 6 que esse tempo varia de 6 a 9 meses. De 2021 e 2023, o aumento do prazo médio de estocagem de 162 para 288 dias entre 2021 e 2023 representa um acréscimo de 126 dias no período de permanência dos imóveis em estoque. Considerando o custo dos imóveis vendidos

em 2023, esse aumento implica maior volume de recursos imobilizados nas operações, elevando a necessidade de capital de giro para financiar a manutenção dos empreendimentos. Segundo Reis et al. (2025), prazos elevados de estocagem reduzem a velocidade de conversão dos ativos em caixa e ampliam a demanda por financiamento operacional. Para reduzir esse prazo, a empresa poderia intensificar estratégias comerciais, revisar o ritmo de lançamentos e adequar a produção à demanda efetiva do mercado. Nos anos seguintes, houve leve redução, atingindo 254 dias em 2025, no entanto prazo ainda superior ao ano de 2021, indicando que a empresa está demorando mais tempo para vender seus imóveis no período analisado.

O aumento do prazo médio de estocagem também pode ser associado ao ambiente macroeconômico enfrentado pelo setor da construção civil nos últimos anos. A manutenção de taxas de juros elevadas reduziu o acesso ao crédito imobiliário e desacelerou o ritmo de vendas de imóveis, prolongando a permanência das unidades em estoque. Segundo a CBIC (2025), os juros elevados constituíram um dos principais obstáculos para o setor, afetando diretamente a comercialização de empreendimentos e a geração de caixa da empresa.

O prazo médio de recebimento (PMC) indica quanto tempo a empresa leva para receber os recursos financeiros após a venda do imóvel. Observa-se pela tabela 6 que em 2021 e 2022 esse prazo era de aproximadamente de 7 a 8 meses. A partir de 2023, a empresa reduziu seu prazo de recebimento para cerca de 5 meses. Essa redução pode indicar melhora na política de recebimento e maior eficiência na conversão das vendas em caixa. Um PMC elevado pode gerar impactos negativos sobre a liquidez e o fluxo de caixa da empresa, pois indica maior tempo para conversão das vendas em recursos financeiros disponíveis.

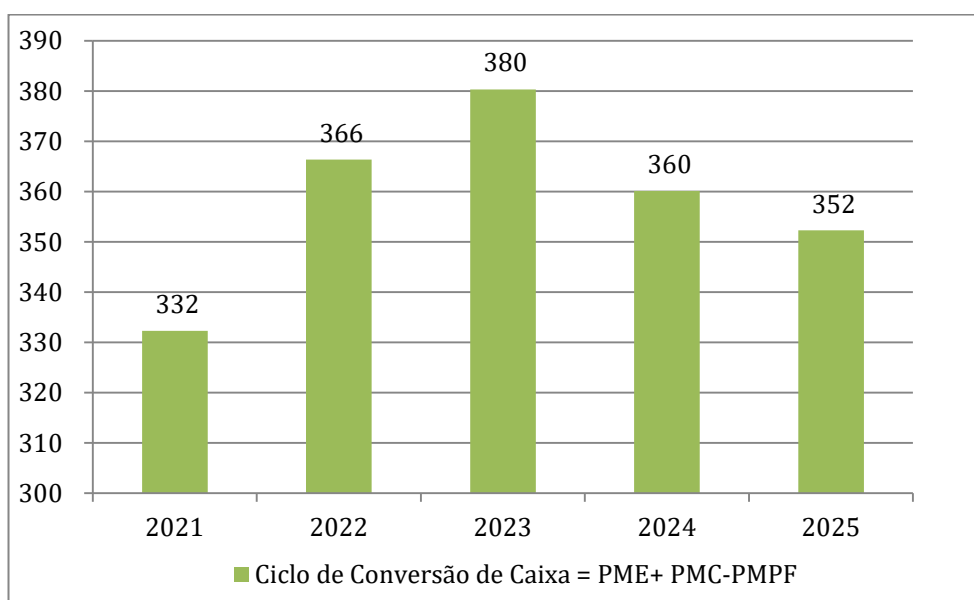
Conforme destacado no referencial teórico, segundo Idalberto Chiavenato, as contas a receber representam valores vinculados às vendas a prazo e exigem acompanhamento constante, pois impactam diretamente a capacidade financeira da empresa. Além disso, Palmeira Pires (2024) ressalta que o monitoramento contínuo das contas a receber é essencial para evitar atrasos e inadimplência, assegurando a manutenção da liquidez e da saúde financeira da organização.

Já o prazo médio de pagamento a fornecedores (PMPF), que indica em quanto tempo a empresa deve pagar as mercadorias compradas reduziu ao longo do período estudado, nos anos de 2021 e 2022 o prazo de pagamento era de quase

dois meses, reduzindo para menos de um mês e meio (40 dias), o que indica prazos mais curtos para quitação das obrigações junto aos fornecedores (tabela 6).

Nesse contexto, um PMPF reduzido diminui a capacidade de financiamento operacional proporcionada pelos fornecedores, obrigando a empresa a utilizar recursos próprios ou recorrer ao capital de terceiros para sustentar suas atividades. Esse resultado corrobora o entendimento de Ross *et al.* (2022), segundo o qual ciclos financeiros mais longos aumentam a necessidade de financiamento das operações, uma vez que os recursos permanecem investidos por mais tempo antes de serem convertidos em caixa.

**Gráfico 4 – Ciclo de conversão de caixa**



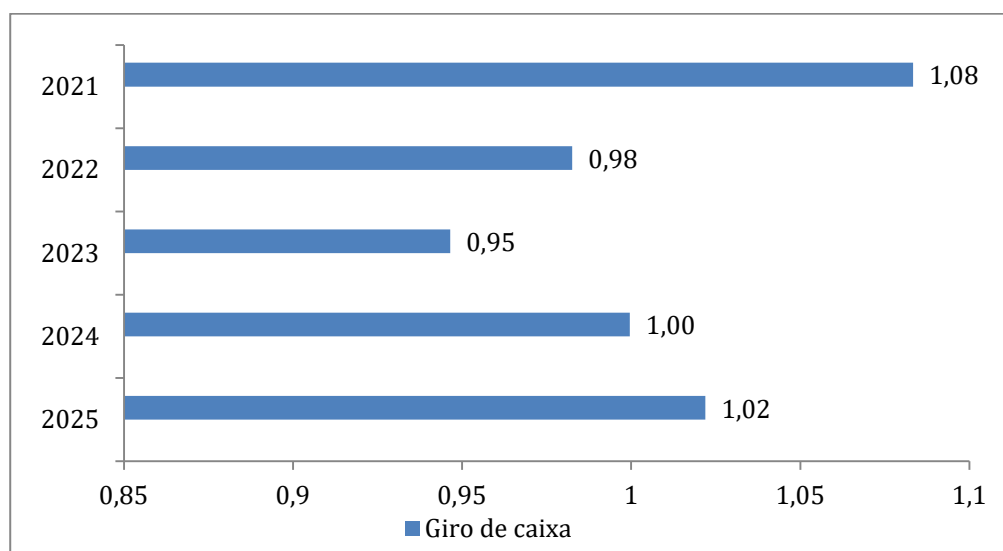
Elaborado pelo autor (2026).

O ciclo de conversão de caixa (gráfico 4) permaneceu elevado durante todo o período. O indicador demonstra que a empresa leva aproximadamente um ano para recuperar os recursos investidos nas operações, o que implica alta necessidade de capital de giro. O comportamento está diretamente relacionado aos altos prazos médios de estocagem (PME) e de recebimento (PMC), combinados a um prazo médio de pagamento a fornecedores (PMPF) baixo.

Esse desequilíbrio operacional aumenta significativamente o ciclo de conversão de caixa, pois a empresa desembolsa recursos em um curto período, mas demora vários meses para recuperar o capital investido nas operações. Além disso, o referencial teórico destaca que prazos mais longos de recebimento e estocagem

reduzem a geração de caixa operacional, enquanto maiores prazos de pagamento tendem a ampliar o fluxo de caixa das empresas (Reis et al., 2025). Segundo Palmeira Pires (2024), a utilização de sistemas de controle financeiro e de gestão de estoques pode auxiliar na redução da imobilização de recursos e no aumento da eficiência operacional.

**Gráfico 5 – Giro de caixa**



Elaborado pelo autor (2026).

Quanto ao giro de caixa da empresa (gráfico 5) apresenta elevado ao longo dos anos. Esse indicador mostra que a empresa praticamente realiza um giro de caixa por ano, devido ao elevado ciclo operacional e apontando menor eficiência na geração de caixa.

Os resultados demonstram que, embora haja melhoria na gestão de recebimentos, a empresa ainda apresenta elevada imobilização de recursos nas operações, principalmente em estoques. Isso mantém o ciclo de conversão de caixa em níveis elevados, aumentando a necessidade de capital de giro e exigindo maior eficiência na gestão financeira.

O giro de caixa está diretamente relacionado à eficiência da administração financeira da empresa, uma vez que quanto maior for a velocidade de retorno dos recursos financeiros às operações, menor tende a ser o ciclo financeiro e a necessidade de manutenção de caixa operacional. Dessa forma, empresas que apresentam maior giro de caixa conseguem utilizar seus recursos de maneira mais

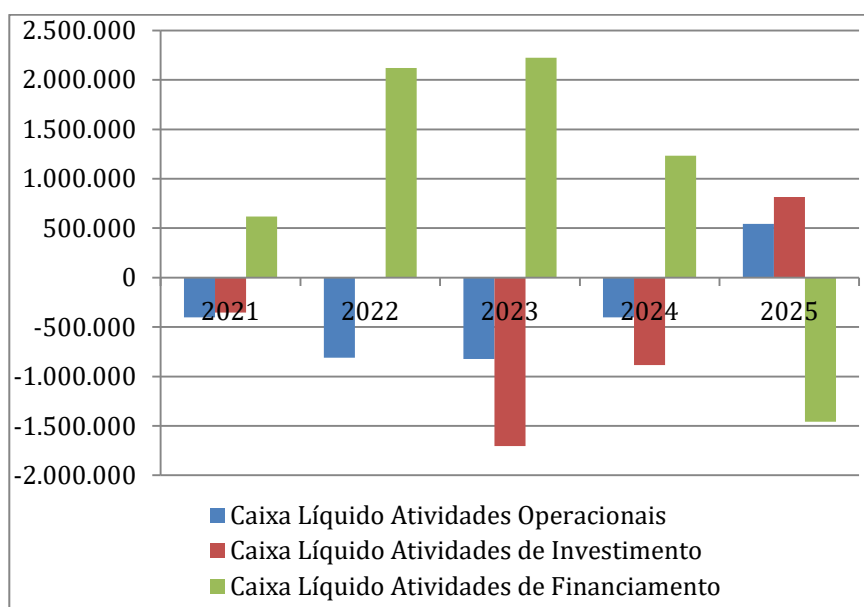
eficiente, reduzindo a necessidade de capital de giro e melhorando sua liquidez (Leite; Cruz, 2022).

O resultado obtido nessa etapa do estudo consistente com os achados por Batista *et al.* (2019), em empresas brasileiras da construção civil, nos quais prazos elevados de estocagem e recebimento foram associados a maior necessidade de capital de giro e menor rentabilidade. Da mesma forma, Oliveira e Melo Sobrinho (2021) observaram que empresas do setor com ciclos financeiros mais longos apresentaram maior dependência de recursos para sustentar suas operações.

#### 4.3 ANÁLISE DO FLUXO DE CAIXA

Serão analisados os fluxos provenientes das atividades operacionais, de investimento e de financiamento, bem como a variação do caixa nos anos estudados. O objetivo é avaliar a capacidade da empresa de gerar recursos financeiros, compreender a origem e aplicação do caixa e analisar os impactos dessas movimentações na liquidez e na sustentabilidade financeira da organização.

**Gráfico 6 – Caixa líquido das atividades**



Elaborado pelo autor (2026).

Da tabela 3 observa-se que o fluxo de caixa das atividades operacionais apresentou valores negativos de 2021 a 2024, indicando que a empresa não conseguiu gerar caixa suficiente por meio de suas operações principais nesses

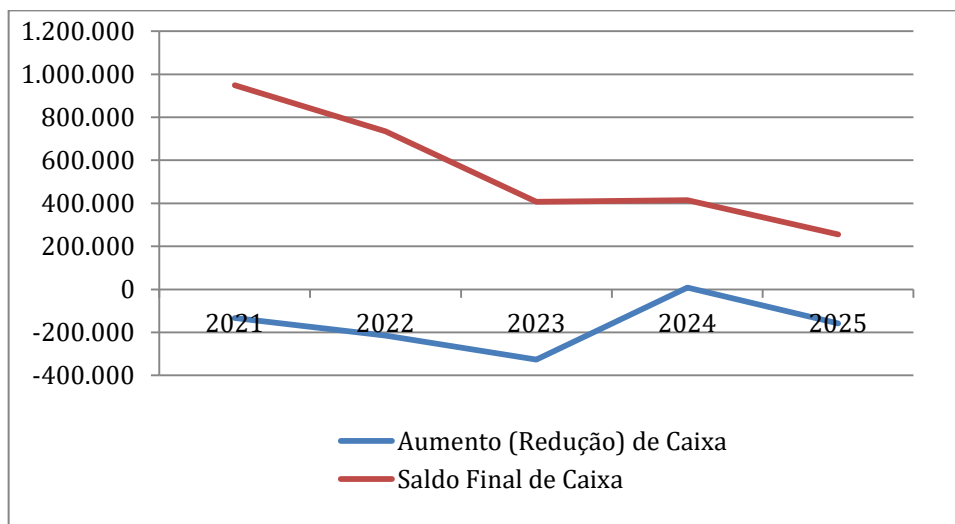
períodos. Destaca-se o ano de 2023, com resultado negativo mais expressivo (-R\$823.922,00). Somente em 2025, observa-se uma reversão desse cenário, com geração positiva de caixa operacional (R\$541.982,00), sinalizando melhora na eficiência operacional e na gestão do capital de giro. As atividades de investimento também apresentaram fluxo negativo de 2021 a 2024, indicando que a empresa realizou investimentos em ativos de longo prazo, como aquisição ou desenvolvimento de empreendimentos.

A geração negativa de caixa nas atividades operacionais indica que, durante esse período, a empresa não conseguiu converter suas operações em recursos financeiros suficientes para sustentar suas atividades. Esse cenário aumenta a dependência de financiamentos externos e pode elevar o risco financeiro. Para reduzir essa dependência, seria recomendável intensificar ações voltadas à redução do ciclo operacional, maior controle dos estoques e melhoria da eficiência operacional.

No que se refere às atividades de financiamento, observa-se forte entrada de recursos entre 2021 e 2024, evidenciando dependência de capital de terceiros para sustentar as operações e investimentos (gráfico 6). Por outro lado, em 2025, o fluxo torna-se negativo (-R\$1.458.371), indicando pagamento de financiamento.

O caixa e equivalentes apresentam comportamento coerente com os fluxos analisados. Houve redução significativa em 2022 (-R\$214.180,00) e 2023 (-R\$326.981,00) refletindo a combinação de fluxo operacional negativo e investimentos. Em 2025, mesmo com geração operacional positiva, o caixa total ainda apresentou redução (-R\$158.700,00), possivelmente em função da saída elevada nas atividades de financiamento (tabela 3).

Nota-se ainda no gráfico 7, que o saldo final de caixa da empresa durante o período analisado demonstra tendência de queda, passando de R\$ 947.928 em 2021 para R\$ 255.863 em 2025, uma redução de 73%. Esse comportamento reforça a redução da liquidez imediata da empresa, apesar da melhora observada no último ano.

**Gráfico 7 – saldo final de caixa**

Elaborado pelo autor (2026).

#### 4.4 ANÁLISE DOS INDICADORES FINANCEIROS

Nesse subitem, serão examinados indicadores de liquidez, de eficiência operacional e de risco financeiro e solvência. O objetivo é avaliar o desempenho financeiro da empresa ao longo do tempo, identificando tendências, pontos de atenção e possíveis sinais de melhoria ou queda em sua situação financeira.

A tabela 7 apresenta os resultados dos índices de liquidez corrente e o capital circulante líquido (CCL) da empresa de 2021 a 2025.

**Tabela 7 - Liquidez**

ANO	2021	2022	2023	2024	2025
Liquidez Corrente	2.38	2.03	2.07	1.68	2.03
Liquidez imediata	0,03	0,05	0,07	0,14	0,24
Capital Circulante Líquido (R\$)	5.478.516	5.239.740	6.035.642	5.553.259	7.825.980

Elaborado pelo autor (2026).

A liquidez corrente da empresa manteve-se superior a 1 em todos os anos analisados, variando entre 1,68 e 2,38, o que indica que a MRV possui ativos circulantes suficientes para cobrir suas obrigações de curto prazo. Esse resultado demonstra capacidade de pagamento e manutenção do equilíbrio financeiro no curto prazo. Os resultados encontrados corroboram a abordagem apresentada por Assaf

Neto (2023), segundo a qual quanto maior o índice de liquidez corrente, maior tende a ser a capacidade da empresa de financiar suas necessidades de capital de giro. Dessa forma, os indicadores observados sugerem que a empresa apresentou situação financeira relativamente confortável no período analisado.

No entanto, ao analisar a liquidez imediata, observa-se que a empresa apresenta baixos níveis de disponibilidade financeira ao longo de todo o período analisado. Embora o indicador tenha apresentado crescimento de 0,03 em 2021 para 0,24 em 2025, os valores permanecem inferiores a 1, demonstrando que a empresa não possui recursos disponíveis suficientes para quitar integralmente suas obrigações de curto prazo apenas com caixa e equivalentes de caixa.

Já o capital circulante líquido apresentou crescimento ao longo do período, atingindo R\$ 7.825.980 em 2025. Esse resultado indica aumento dos recursos disponíveis para financiar as operações da empresa. Apesar de o indicador apresentar comportamento positivo e crescente, grande parte do capital circulante líquido encontra-se concentrada em estoques e contas a receber, que não representam recursos de liquidez imediata.

Os estoques, especialmente no setor da construção civil, possuem menor velocidade de conversão em caixa, uma vez que dependem da comercialização dos imóveis e das condições do mercado imobiliário. Já as contas a receber estão sujeitas aos prazos de recebimento e ao risco de inadimplência dos clientes, não garantindo a entrada imediata de recursos financeiros no caixa da empresa.

**Tabela 8 – índices de eficiência operacional**

ANO	2021	2022	2023	2024	2025
EBITDA (R\$)	1.258.119	538.763	203.270	606.156	452.804
Margem EBITDA	17.7%	8.1%	2.7%	6.7%	4%

Elaborado pelo autor (2026).

A análise dos indicadores de eficiência operacional EBITDA e margem EBITDA (tabela 8), mostra uma trajetória de forte deterioração da rentabilidade operacional da empresa entre 2021 e 2025, tanto em valores absolutos de EBITDA quanto na margem EBITDA. O EBITDA apresentou queda significativa entre 2021 e 2023, passando de R\$ 1.258.119 para R\$ 203.270, uma redução de cerca de 84%, demonstrando forte redução na geração de resultados operacionais. Em 2024 e

2025, observa-se recuperação parcial, com valores de R\$ 606.156 e R\$ 452.804, respectivamente, embora ainda inferiores ao nível observado em 2021.

A margem EBITDA seguiu a mesma tendência, reduzindo de 17,7% em 2021 para 2,7% em 2023, o que mostra perda de eficiência operacional. Nos anos seguintes, há leve recuperação (6,7% em 2024 e 4% em 2025), porém ainda distante dos patamares iniciais, ou seja, a empresa opera com pouca folga financeira, vulnerável a oscilações de mercado e juros altos.

**Tabela 9 – Índices de risco financeiro e solvência**

ANO	2021	2022	2023	2024	2025
Cobertura de Juros	4.74	0.61	0.15	0.34	0.12
Endividamento de curto prazo	20%	22%	22%	28%	27%
Endividamento de curto prazo (dívidas bancárias)	21.6%	22.7%	24.3%	39.0%	16.2%

Elaborado pelo autor (2026).

A tabela 9 mostra que a empresa incorre em elevado risco financeiro. A cobertura de juros apresentou queda acentuada no período analisado, passando de 4,74 em 2021 para apenas 0,12 em 2025. Esse indicador revela uma queda significativa da capacidade da empresa em honrar suas despesas financeiras com o resultado operacional. Somente no ano de 2021 que a empresa apresentou capacidade de pagamento dos juros. Essa queda está relacionada à forte redução do resultado operacional (EBIT) e ao crescimento expressivo das despesas financeiras ao longo do período analisado. O lucro operacional da empresa reduziu aproximadamente 82%, passando de R\$ 1.129.110 em 2021 para R\$ 201.196 em 2025, mostrando perda significativa da eficiência operacional e menor capacidade de geração de resultados. Ao mesmo tempo, as despesas financeiras aumentaram cerca de 577%, saindo de R\$ 238.204 em 2021 para R\$ 1.611.704 em 2025, demonstrando forte elevação do custo do endividamento da empresa (tabela 4).

O endividamento de curto prazo também apresentou crescimento entre 2021 e 2024, passando de 20% para 28%, um aumento de mais de 40%, evidenciando a dependência da empresa em recursos de terceiro e maior concentração das obrigações no curto prazo e maior pressão sobre o caixa, visto que mais obrigações precisam ser liquidadas em até 12 meses. Ao analisar somente as dívidas bancárias observa-se um aumento no mesmo período, de 21,6% em 2021 e 39,0% em 2024,

indicando dependência de crédito dentro das obrigações de curto prazo para manter as atividades operacionais. Essa movimentação está relacionada aos fluxos das atividades de financiamento apresentados na análise do fluxo de caixa (tabela 3), nos quais a empresa registrou forte entrada de recursos entre 2021 e 2024.

Dada à análise dos índices de risco financeiro e solvência no período de 2021 a 2025, verificou-se que a empresa MRV perdeu capacidade de gerar caixa suficiente para pagar juros, o endividamento de curto prazo aumentou, pressionando a liquidez e há uma dependência de dívidas bancárias para manter suas operações. De acordo com Medeiros (2025) esse resultado é característico do segmento da construção civil no Brasil, onde o fluxo de caixa é constantemente pressionado por inadimplência de clientes, cronogramas longos e custos correntes elevados. Isso explica por que muitas construtoras apresentam alta alavancagem de curto prazo e baixa cobertura de juros, especialmente em períodos de juros altos e instabilidade econômica.

## 5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a gestão do capital de giro e seu impacto sobre o fluxo de caixa da MRV Engenharia, verificando a influência na liquidez e na sustentabilidade financeira da empresa no período de 2021 a 2025. A pesquisa buscou compreender como a administração dos recursos de curto prazo, especialmente caixa, estoques, contas a receber e contas a pagar, impacta a capacidade financeira e operacional da organização.

Quanto à metodologia, a pesquisa caracteriza-se como descritiva, com abordagem quantitativa e procedimento técnico de estudo de caso. Para a realização da análise, foram utilizados dados extraídos das demonstrações contábeis e relatórios financeiros divulgados publicamente pela empresa no website da B3. A partir dessas informações, foram calculados indicadores relacionados ao capital de giro, ciclo de conversão de caixa, fluxo de caixa, liquidez, eficiência operacional e risco financeiro, permitindo avaliar a evolução da situação do capital de giro da empresa durante o período analisado.

A partir das análises realizadas ao longo do trabalho, foi possível avaliar a evolução da análise do capital de giro e fluxo de caixa da MRV Engenharia no período de 2021 a 2025, considerando indicadores de liquidez, rentabilidade, estrutura de capital e gestão do capital de giro.

Os resultados demonstram que a empresa apresentou crescimento do capital de giro, principalmente impulsionado pelo aumento dos estoques e das contas a receber. Contudo, essa expansão não foi acompanhada por uma melhora na liquidez imediata, uma vez que houve redução significativa do caixa ao longo do período, indicando maior imobilização de recursos nas operações.

A análise do ciclo de conversão de caixa demonstrou que a empresa opera com prazos elevados, especialmente em relação ao tempo de estocagem, o que contribui para um ciclo financeiro longo e maior necessidade de capital de giro.

No que se refere ao fluxo de caixa, verificou-se que a empresa apresentou geração negativa nas atividades operacionais durante grande parte do período, sendo sustentada por recursos provenientes de financiamento. Como consequência, o saldo final de caixa apresentou trajetória de queda nos anos analisados.

A análise dos indicadores financeiros reforça esse cenário, evidenciando queda na eficiência operacional e deterioração da capacidade de cobertura de juros. Apesar disso, a empresa mantém níveis adequados de liquidez corrente e apresenta crescimento do capital circulante líquido, o que contribui para a continuidade de suas operações.

Dessa forma, conclui-se que, embora a empresa apresente sinais de recuperação recente, ainda enfrenta desafios relacionados à eficiência operacional, gestão do capital de giro e geração de caixa. Para fortalecer sua sustentabilidade financeira, torna-se fundamental a adoção de estratégias voltadas à redução do ciclo operacional, melhoria na conversão de ativos em caixa e maior equilíbrio entre rentabilidade e liquidez.

Como limitação da pesquisa, destaca-se que o estudo foi realizado com base em apenas uma empresa do setor da construção civil, o que restringe a possibilidade de generalização dos resultados para outras organizações ou segmentos econômicos. Além disso, a análise concentrou-se em indicadores financeiros e dados contábeis divulgados publicamente pela MRV Engenharia, não contemplando informações internas gerenciais, estratégias operacionais detalhadas ou fatores qualitativos que também podem influenciar a gestão do capital de giro e o fluxo de caixa. Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se a realização de estudos comparativos entre empresas do setor da construção civil, permitindo identificar diferenças nas estratégias de gestão do capital de giro e seus reflexos sobre a liquidez e o fluxo de caixa.

## REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, A.X. de; BASTOS, R. R. ADMINISTRAÇÃO DO CAPITAL DE GIRO APLICADA ÀS FINANÇAS PESSOAIS; **Revista Razão Contábil e Finanças**, v. 16, n.2, Fortaleza-Ceará, Julho-Dezembro de 2025. DOI:

<https://doi.org/10.71136/rrcef.v16i2.875>. Disponível em:  
<https://periodicos.uniateneu.edu.br/index.php/razao-contabeis-e-financas/article/view/875>. Acesso em: 03 out. 2025.

B3. *Empresas listadas*. Disponível em: [https://www.b3.com.br/pt\\_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/empresas-listadas.htm?codigo=20915](https://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/empresas-listadas.htm?codigo=20915). Acesso em: 19 março 2026.

BATISTA, Alexandre Teixeira Norberto; PENHA, Roberto Silva da; SANTIAGO, Wagner de Paulo; SALES, Handerson Leonidas. **Impacto da gestão do capital de giro na rentabilidade das empresas do setor de construção civil**. *Revista de Administração IMED*, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 114-131, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/8c0532ba-7f30-4686-9606-3a6060a78940>. Acesso em: 1 jul. 2026.

BATISTA, Y. O.; PEREIRA, B. M.; LIMA, H. C. P. de; CAMPOS, J. R. de O.; JESUS, S. R. P. de. O fluxo de caixa como controle nas pequenas empresas: revisão integrativa da literatura. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, [S. l.], v. 23, n. 7, p. e10679, 2025. DOI: 10.55905/oelv23n7-085. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/10679>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BICALHO, E. da S.; MANNARELLI FILHO, T.; GONÇALVES, L. M. V.; LUCENTE, A. dos R. Análise de indicadores da liquidez: estudo multicaso sobre o setor calçadista no Brasil. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 14, n. 9, p. 15105–15126, 2023. DOI: 10.7769/gesec.v14i9.2573. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/2573>. Acesso em: 8 dez. 2025.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Juventude impulsiona boom habitacional: mais de 1,2 milhão de contratos do Minha Casa, Minha Vida em cinco anos**. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/assuntos/noticias-1/noticia-mcid-n-1389>. Acesso em: 30 mar. 2026.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Programa Minha Casa, Minha Vida impulsiona crescimento do mercado imobiliário**. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/assuntos/noticias-1/noticia-mcid-n-1197>. Acesso em: 31 mar. 2026.

BRASIL. **Ministério das Cidades. Programa Minha Casa, Minha Vida impulsiona retomada do crédito e da produção habitacional**. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/assuntos/noticias-1/noticia-mcid-n-1351>. Acesso em: 30 mar. 2026.

BRITO, Rayza Maria Alves de Sena; SOUZA, Jocykleber Meireles de; OLIVEIRA, Ádria Tayllo Alves; VALENTIM, Isabella Christina Dantas. Fluxo de Caixa

e Capital de Giro: práticas e desafios enfrentados pelos gestores de minimercados. **Revista Eletrônica de Ciências Contábeis**, Monteiro-PB, v. 14, n. 2, p. 23-40, abr. 2025. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/contabeis/article/view/3836>. Acesso em: 17 set. 2025.

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO (CBIC). **Taxa de juros elevada é principal entrave da construção civil em 2025**. Brasília, 7 maio 2025. Disponível em: <https://cbic.org.br/taxa-de-juros-elevada-e-principal-entrave-da-construcao-civil-em-2025/>? Acesso em: 30 jun. 2026.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão Financeira: Uma Abordagem Introdutória**. 4. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. E-book. p.65. ISBN 9786559772902. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559772902/>. Acesso em: 17 out. 2025.

CNN BRASIL. **Construção civil projeta crescimento acima do PIB em 2026**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/construcao-civil-projeta-crescimento-acima-do-pib-em-2026/>. Acesso em: 30 mar. 2026.

CORDEIRO, Isabella Figueiró; MARQUEZ, Joyce Amely Rodrigues. O fluxo de caixa na gestão de micro e pequenas empresas. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, Montes Claros**, v. 12, n. 3, p. 1-13, 2024. DOI: <https://doi.org/10.61164/rmnm.v12i3.3276>. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/3276>. Acesso em: 03 out. 2025.

DE OLIVEIRA, Abdinardo Moreira Barreto; SOBRINHO, Marcelo José Vieira de Melo. **Gestão de capital de giro e capacidade de geração de caixa: um estudo sobre o desempenho de empresas brasileiras de construção civil**. Anais do Congresso Brasileiro de Custos - ABC, [S. l.], Disponível em: <https://anaiscbc.emnuvens.com.br/anais/article/view/1136> Acesso em: 1 jul. 2026.

DOS REIS, Elizio Marcos; FRANCISCO, José Roberto de Souza; LAMOUNIER, Wagner Moura; TEIXEIRA LEITE, Mauricio de Lima; MOREIRA, Reinaldo Alves. A Influência dos Componentes do Capital de Giro no Fluxo de Caixa Operacional das Empresas Listadas na B3. **RC&C. Revista de Contabilidade e Controladoria**, v. 17, 2025. DOI: 10.5380/rcc.17.93521. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rcc/article/view/93521>. Acesso em: 12 set. 2025.

FARINELLI, Tiago César; AMBROZINI, Marcelo Augusto. *Ciclo de conversão de caixa nas empresas brasileiras do setor de alimentos e bebidas*. Custos e @gronegocio Online, v. 18, n. 3, p. 302-322, 2022.

G1. *Construção civil se recupera em 2021, mas alta dos juros freiam investimentos no início deste ano*. Rio de Janeiro, 04 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/03/04/construcao-civil-se-recupera-em-2021-mas-alta-dos-juros-freiam-investimentos-no-inicio-deste-ano.ghtml>. Acesso em: 18 maio 2026.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 8. ed. Rio de Janeiro: GEN Atlas, 2026. E-book. ISBN 9786559778577. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559778577/>. Acesso em: 06 mai. 2026.

GODOI, D. de; SHIBAO, F. Y.; SANTOS, M. R. dos. Fluxo de caixa e transformação digital: superando barreiras em pequenas empresas familiares do setor pet. **International Journal of Scientific Management and Tourism**, [S. l.], v. 11, n. 4, p. e1349, 2025. DOI: 10.55905/ijsmtv11n4-004. Disponível em: <https://ojs.scientificmanagementjournal.com/ojs/index.php/smj/article/view/1349>. Acesso em: 14 nov. 2025.

HAYASHIDA, Gabriel Carvalho; BARROS, Guilherme da Silva; SILVA, Thaynara Kawanne Guimarães da; VASCONCELOS, Katia Maria da Silva; LIMA, Murilo Oliveira de; MONTEIRO, Vitor Andrade. **Gestão de estoque**. Mauá: Etec de Mauá, 2024. Monografia. Disponível em: <https://ric.cps.sp.gov.br/handle/123456789/24947>. Acesso em: 25 nov. 2025.

INFOMONEY. **Construção civil cresce com a força do emprego, mas juros e custos pressionam o setor**. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/construcao-civil-cresce-com-a-forca-do-emprego-mas-juros-e-custos-pressionam-o-setor/>. Acesso em: 30 mar. 2026.

LEITE, Klelma Correia; CRUZ, Agenor Neto Cabral da. **A eficácia na gestão de capital de giro como elemento de sustentabilidade financeira: um estudo de caso**. JNT - Facit Business and Technology Journal, v. 1, n. 38, p. 134-151, 2022. ISSN 2526-4281. Disponível em: <https://revistas.faculdadefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/1722/1176>. Acesso em: 19 maio 2026.

LIMA, Frederico Nunes Borges de; BASTOS, Sérgio Augusto Pereira; OLIVEIRA, Edvan Soares de. **Análise da administração do capital de giro e sua influência na rentabilidade: um estudo de empresas de capital aberto na bolsa de valores brasileira**. *Faces Journal*, v. 23, n. 1, 2024. DOI: 10.21714/1984-6975FACES2024V23N1ART9724. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/facesp/article/view/9724?> Acesso em: 30 jun. 2026.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Metodologia Científica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2022. E-book. ISBN 9786559770670. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559770670/>. Acesso em: 20 mai. 2026.

MARTINS, Eliseu; MIRANDA, Gilberto J.; DINIZ, Josedilton A. **Análise Didática das Demonstrações Contábeis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2024. E-book. p.22. ISBN 9786559776405. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559776405/>. Acesso em: 20 abr. 2026.

MARTINS, Eliseu; MIRANDA, Gilberto J.; DINIZ, Josedilton A. **Análise Didática das Demonstrações Contábeis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2024. E-book. p.186. ISBN 9786559776405. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559776405/>. Acesso em: 29 abr. 2026.

MATIAS, Alberto B. **Finanças Corporativas de Curto Prazo: A Gestão do Valor do Capital de Giro (V. 1)**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2014. E-book. p.69.

ISBN 9788522484652. Disponível em [:https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522484652/](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522484652/). Acesso em: 23 out. 2025.

MEDEIROS, Rafael. *Como a inadimplência atrasa e encarece projetos de construção no Brasil*. Grandes Construções, São Paulo, 18 jun. 2025. Disponível em: <https://www.grandesconstrucoes.com.br/> Acesso em: 25 maio 2026.

MELGAREJO, Lidiane Aparecida da Silva; CAMILO, Leandro Rennê. **Contas a pagar no Hospital Regional de Cirurgia da Grande Dourados**. *Comunicação & Mercado*, Dourados, MS, v. 14, n. 22, p. 20-30, ago./dez. 2023. ISSN 2316-3992. Acesso em: 29/12/2025

MONEY TIMES. *O alerta do BTG Pactual para as construtoras de médio e alto padrão*. 2026. Disponível em: <https://www.moneytimes.com.br/o-alerta-do-btg-pactual-para-as-construtoras-de-medio-e-alto-padrao-igdl/>. Acesso em: 19 maio 2026.

MRV Engenharia. **Programa Minha Casa Minha Vida - MRV**. Disponível em: <https://www.mrv.com.br/minha-casa-minha-vida>. Acesso em: 31 mar. 2026.

NETO, Alexandre A. **Estrutura e Análise de Balanços: Um Enfoque Econômico - financeiro**. 13. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2023. E-book. p.171. ISBN 9786559775125. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559775125/>. Acesso em: 26 set. 2025.

NETO, Alexandre A. **Finanças Corporativas e Valor**. 8. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2020. E-book. p.396. ISBN 9788597026184. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788597026184/>. Acesso em: 16 set. 2025..

NETO, Alexandre A.; LIMA, Fabiano G. **Fundamentos de Administração Financeira**, 3ª edição . Rio de Janeiro: Atlas, 2016. E-book. pág.292. ISBN 9788597010145. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788597010145/>. Acesso em: 10 set. 2025.

NETO, Alexandre A.; SILVA, César Augusto T. **Administração do capital de giro**, 4ª edição. Rio de Janeiro: Atlas, 2011. E-book. p.3. ISBN 9788522484751. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522484751/>. Acesso em: 19 set. 2025.

O DIA. MRV anuncia participação na nova fase do Desenrola Brasil. Rio de Janeiro, 11 out. 2023. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/economia/2023/10/6722493-mrv-anuncia-participacao-na-nova-fase-desenrola-brasil.html?> Acesso em: 27 maio 2026.

O TEMPO. **Juros e queda nos recursos da Caixa devem encarecer imóveis em 2025, diz CBIC**. Belo Horizonte, 17 fev. 2025. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/economia/2025/2/17/juros-e-queda-nos-recursos-da-caixa-devem-encarecer-imoveis-em-2025-diz-cbic?> Acesso em: 18 maio 2026.

OLIVEIRA FILHO, Danilo Eustáquio de. Análise de sustentabilidade financeira no segmento imobiliário na região nordeste de Belo Horizonte. *REMIPE - Revista de*

**Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco**, Osasco, v. 6, n. 1, p. 121-142, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscador.html?task=detalhes&source=all&id=W3081715404>. Acesso em: 12 nov. 2025.

OLIVEIRA, A. M. B. de; RAMALHO, R. de O.; MOURA, A. A. F. de. **GESTÃO DE CAPITAL DE GIRO LÍQUIDO E DE FLUXO DE CAIXA EM RISCO DE EMPRESAS DE BENS INDUSTRIAIS LISTADAS NA BMF&Bovespa**. **Revista de Contabilidade da UFBA**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 38–51, 2013. DOI: 10.9771/rcufba.v7i2.6277. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rcontabilidade/article/view/6277>. Acesso em: 23 set. 2025.

OLIVEIRA, Élidea. **“Como o Brasil chegou a 8 milhões de CNPJs negativados e 80 milhões de endividados.”** *InfoMoney*, 30 out. 2025. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/brasil-endividado/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

PADOVEZE, Clóvis L. **Mitos e lendas em finanças: a "maldição" do EBITDA**. São Paulo: Actual Editora, 2020. *E-book*. p.45. ISBN 9788562937408. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788562937408/>. Acesso em: 10 abr. 2026.

PALMEIRA PIRES, Schaiane. Um estudo sobre a gestão financeira em micro e pequenas empresas na Quarta Colônia. Saber Humano: **Revista Científica da Faculdade AntonioMeneghetti**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 394–421, 2024. DOI: 10.18815/sh.2024v1n1.685. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/685>. Acesso em: 14 nov. 2025.

PANDINI, Natanna. **Análise do ciclo operacional e financeiro: um estudo de caso em uma empresa do ramo de pré-fabricado de São Lourenço do Oeste – SC**. 2017. Monografia (Especialização em Gestão Contábil e Financeira) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Pato Branco, 2017. Disponível em: [https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25628/1/PB\\_EGCF\\_XIII\\_2018\\_27.pdf](https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/25628/1/PB_EGCF_XIII_2018_27.pdf). Acesso em: 12 dez. 2025.

PAOLESCI, Bruno. **Estoques e Armazenagem**. Rio de Janeiro: Érica, 2014. *E-book*. p.73. ISBN 9788536513270. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536513270/>. Acesso em: 03 out. 2025.

PINTO, Arteniza Viana; SILVA, MarileiaTributina da; FERREIRA, Alessandra Gatinho; SOUZA, Renato Vianna Cortez de; RIOS, Danillo Soares; MATOS, Amarildo Rodrigues de. *Título do artigo*. **Gestão financeira de micro e pequenas empresas**, v. 6, n. 2, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.55034/smrv6n2-007>. Acesso em: 30 mar. 2026.

RECH, Ilírio José; CUNHA, Moisés Ferreira da; RABELO, Carolina Teixeira; BARBOSA, Alessandra Carneiro. Análise da relação entre rentabilidade e estratégias de gestão do capital de giro das empresas listadas na B3. **Revista de**

**Contabilidade da UFSC**, v. 16, n. 38, p. 150–165, jan./mar. 2019. DOI: 10.5007/2175-8069.2019v16n38p150. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7010362>. Acesso em: 03 dez. 2025.

RIO CONSTRUÇÃO SUMMIT. **Construção civil fundamental na geração de empregos e contribuição para o PIB**. Disponível em: <https://rioconstrucaosummit.com.br/construcao-civil-e-parte-fundamental-na-geracao-de-empregos-e-contribui-para-o-pib-do-pais/>. Acesso em: 30 mar. 2026.

RODRIGUES, Bruno de Pereira; SENNA, Viviane de. **UM ESTUDO DO EBITDA E DO ÍNDICE DE LIQUIDEZ CORRENTE EM EMPRESAS DO SETOR DE SAÚDE**. In: Anais do Simpósio de Engenharia de Produção - SIMEP. Anais...Campina Grande(PB) Garden Hotel & Resort, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/11simep/585114-um-estudo-do-ebitda-e-do-indice-de-liquidez-corrente-em-empresas-do-setor-de-saude>. Acesso em: 24 nov. 2025.

ROSS, Stephen; WESTERFIELD, Randolph; JORDAN, Bradford D.; et al. Fundamentos de administração financeira. 13. ed. Porto Alegre: Bookman, 2022. E-book. p.77. ISBN 9788582605783. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582605783/>. Acesso em: 29 abr. 2026.

ROSS, Stephen; WESTERFIELD, Randolph; JORDAN, Bradford D.; et al. Fundamentos de administração financeira. 13. ed. Porto Alegre: Bookman, 2022. E-book. p.646. ISBN 9788582605783. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582605783/>. Acesso em: 01 jul. 2026.

SÁ, Carlos A. Fluxo de Caixa: **A Visão da Tesouraria e da Controladoria**. 5. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2014. E-book. p.19. ISBN 9786559773381. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786559773381/>. Acesso em: 09 abr. 2026.

SÁ, Tatiana Gomes Xavier de. Gerenciamento Financeiro de Contas a Pagar nas Empresas de Micro e Pequeno Porte / Financial Management ofAccountsPayable in Micro andSmall Businesses. **ID online. Revista de psicologia**, [S. l.], v. 15, n. 56, p. 451–466, 2021. DOI: 10.14295/idonline.v15i56.3153. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3153>. Acesso em: 12 dez. 2025.

SILVA, Elcio Cordeiro da. **Índices de Liquidez na Contabilidade Gerencial**. 2024. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/67503/1/%C3%8Dndices%20de%20Liquidez%20na%20Contabilidade%20Gerencial.pdf>. Acesso em: 19 Nov. 2025.

SILVA, José Pereira Da. **Análise financeira das empresas** – 13ª edição revista e ampliada. Porto Alegre: +A Educação - Cengage Learning Brasil, 2018. E-book. p.347. ISBN 9788522125784. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788522125784/>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SILVA, Valdilene Gonçalves Machado; CASTRO, Júlio César Amorim. **Análise da gestão financeira de micro e pequenas empresas do setor varejista na cidade de Cláudio.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 12, p. e31391210952, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i12.10952. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/10952/9962>. Acesso em: 20 nov. 2025.

VALE, Elizete Alves do; LEMOS, Hailton David (Orientador). **Gestão do capital de giro: um estudo de caso na empresa Innova-Car.** Aparecida de Goiânia: Faculdade Nossa Senhora Aparecida, 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração). Disponível em: <https://unifanap.edu.br/Repositorio/14.pdf> Acesso em: 03 dez. 2025.

VIANA, Flavia de Siqueira. **A falta de planejamento é um dos vilões da mortalidade das empresas no Brasil.** Comunidade Sebrae – SEBRAE-PR, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://sebraepr.com.br/comunidade/artigo/a-falta-de-planejamento-e-um-dos-viloes-da-mortalidade-das-empresas-no-brasil>. Acesso em: 13 dez. 2025.

Yin, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2025.